

Marta Lizane Bottini dos Santos

**UM JARDIM, ALGUNS TEXTOS, UM OU MAIS CORPOS:
PRÁTICAS DOCENTES NAS ARTES...**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes Visuais- Mestrado, Área de concentração em Ensino da Arte e educação Estética, Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Artes Visuais sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Ursula Rosa da Silva.

Pelotas, 2019

Banca Examinadora:

Orientadora

Prof.^a Dr.^a Ursula Rosa da Silva – PPGAV/UFPEL

Membro

Prof.^a Dr.^a Maristani Polidori Zamperetti – PPGE/FAE/UFPEL

Membro

Prof.^o Dr.^o Cláudio Tarouco de Azevedo – PPGAV/UFPEL

Agradecimentos

A minha família: Meu filho Arthur e meu marido Ronaldo;

A banca que se dedicou a leitura deste texto;

A minha orientadora Ursula.

Resumo

Esta pesquisa trata de assuntos relativos ao corpo, e o que demanda este tema. Alinha-se com questões pertinentes a práticas docentes, e tenciona o arco de questões a partir de um viés cartográfico de pesquisa. Tal estudo se faz no Programa de Pós-graduação no Mestrado em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, tendo o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. O que se pretende ao tratar do corpo nesta pesquisa é antes de tudo, pensá-lo em sala de aula. Se é pensado? E como? Como, por exemplo, professoras dos anos iniciais do ensino fundamental, onde alicerço minhas bases nesta pesquisa, tratam tal assunto, e se tratam como criam possibilidades de pensar/problematizar sobre as práticas cotidianas de ensinar e aprender sobre este corpo. O tema é extenso e palco para observações e discussões em muitas áreas do conhecimento: Filosofia, Artes, Ciências Biológicas, Educação, entre outras, e, possibilita criar linhas que escapam ao diálogo à medida que vamos adentrando ao tema e sendo atravessados por questões inquietantes que pedem a palavra ao tratar deste assunto, e para além das univocidades de que tratam tais ciências. Ao passo que esta pesquisa se desenvolve surge uma escrita que apresenta este texto como um jardim, um jardim-texto no qual convido você leitor a caminhar por entre as leiras deste jardim-texto, um jardim-texto movediço que construo com palavras, conceitos, flores e temperos. É preciso salientar que ao passo que as leituras/estudos foram se constituindo, abriram-se possibilidades de pensar o objeto de estudo sobre inúmeras perspectivas e abordagens-modos de como poderia tratar tanto a apresentação escrita (esta dissertação), como os conceitos que aqui abordo.

Palavras-chave: Corpo. Corporeidade. Cartografia. Práticas docentes. Arte-filosofia.

Resumen

Esta investigación trata temas relacionados con el cuerpo y lo que exige este tema. Está alineado con las preguntas relacionadas con las prácticas docentes y tiene la intención de arquear las preguntas a partir de un sesgo de investigación cartográfica. Este estudio se realiza en el Programa de Posgrado en el Master de Artes Visuales de la Universidad Federal de Pelotas - UFPEL, Este trabajo se realizó con el apoyo de la Coordinación de Mejoramiento del Personal de Educación Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamiento 001. Lo que se pretende tratar con el cuerpo en esta investigación es, en primer lugar, pensarlo en el aula. Si se piensa? ¿Y cómo? Cómo, por ejemplo, maestros de los primeros años de la escuela primaria, donde baso mis bases en esta investigación, trato este tema y trato de cómo crean posibilidades de pensar / problematizar sobre las prácticas diarias de enseñanza y aprendizaje sobre este cuerpo. El tema es extenso y es el escenario para observaciones y debates en muchas áreas del conocimiento: filosofía, artes, ciencias biológicas, educación, entre otros, y permite crear líneas que escapan del diálogo a medida que nos adentramos en el tema y se cruzan con preguntas inquietantes. quienes piden la palabra al tratar este tema, y más allá de las univocidad con las que tratan esas ciencias. A medida que se desarrolla esta investigación, hay una escritura que presenta este texto como un jardín, un jardín de texto en el que los invito a caminar a través de las cuerdas de este jardín de texto, un jardín de texto cambiante que construyo con palabras, conceptos, Flores y especias. Cabe señalar que a medida que se constituyeron las lecturas / estudios, se abrieron posibilidades para pensar sobre el objeto de estudio sobre innumerables perspectivas y enfoques, de cómo podría tratar tanto la presentación escrita (esta disertación) como los conceptos que aquí se presentan a bordo.

Palabras clave: Cuerpo. Corporeidad. Cartografía. Prácticas docentes. Arte-filosofía.

Lista de figuras

Foto 01. Uma bota e sua planta, Centro de Artes, 2018 (atividade 'intervenção-corpo-jardim), Pelotas RS Brasil. Fonte própria	35
Foto 02. Sapatos azuis, nylon e uma árvore, Centro de Artes, 2018 (atividade 'intervenção-corpo-jardim), Pelotas RS Brasil. Fonte própria	36
Foto 03. Sapatos na escada... Centro de Artes, 2018 (atividade 'intervenção-corpo-jardim), Pelotas RS Brasil. Fonte própria	37
Foto 04. Pavilhão anos iniciais pátio da escola, atividade 'intervenção-corpo-jardim. 2018. Pelotas RS Brasil. Fonte própria	58
Foto 05. Janelas pintadas da sala de aula, onde as atividades da proposta 'intervenção-corpo-jardim se realizaram. 2018. Pelotas RS Brasil. Fonte própria	59
Foto 06. Janelas pintadas da sala de aula, onde as atividades da proposta 'intervenção-corpo-jardim se realizaram. 2018. Pelotas RS Brasil. Fonte própria	59
Foto 07. Janelas sem pintura da sala de aula, onde as atividades da proposta 'intervenção-corpo-jardim se realizaram. 2018. Pelotas RS Brasil. Fonte própria	60
Foto 08. Mudanças de flores, atividade 'intervenção-corpo-jardim, 2018. Pelotas RS Brasil. Fonte própria	62
Foto 09. Mudanças de flores, atividade 'intervenção-corpo-jardim, 2018. Pelotas RS Brasil. Fonte própria	62
Foto 10 e 11. Mudanças de flores na caixa de disjuntores sala de aula, atividade 'intervenção-corpo-jardim, 2018. Pelotas RS Brasil. Fonte própria	63
Foto 12. Professor e alunos plantando no local escolhido. Atividade 'intervenção-corpo-jardim, 2018. Pelotas RS Brasil. Fonte própria	65
Foto 13. Professor e alunos plantando no local escolhido. Atividade 'intervenção-corpo-jardim, 2018. Pelotas RS Brasil. Fonte própria	65
Foto 14. Pesquisadora e alunos desenhando-se, atividade 'intervenção-corpo-jardim, 2018. Pelotas RS Brasil. Fonte própria	68
Foto 15. Alunos coletando materiais para atividade autorretrato. Atividade 'intervenção-corpo-jardim, 2018. Pelotas RS Brasil. Fonte própria	69
Foto 16. Alunos coletando materiais para atividade autorretrato. Atividade 'intervenção-corpo-jardim, 2018. Pelotas RS Brasil. Fonte própria	70
Foto 17. Materiais coletados pelos alunos para construção dos autorretratos construindo imagens com materiais coletados, atividade 'intervenção-corpo-jardim, 2018. Pelotas RS Brasil. Fonte própria	70
Foto 18. Aluna construindo imagem com materiais coletados, atividade 'intervenção-corpo-jardim, 2018. Pelotas RS Brasil. Fonte própria	71
Foto 19. Materiais coletados pelos alunos para construção dos autorretratos construindo imagens com materiais coletados, atividade 'intervenção-corpo-jardim, 2018. Pelotas RS Brasil. Fonte própria	71
Foto 20. Alunos construindo imagens com materiais coletados, atividade 'intervenção-corpo-jardim, 2018. Pelotas RS Brasil. Fonte própria	73
Foto 21. Imagens construída com materiais coletados, atividade 'intervenção-corpo-jardim, 2018. Pelotas RS Brasil. Fonte própria	73
Foto 22. Imagem construída com materiais coletados, atividade 'intervenção-corpo-jardim, 2018. Pelotas RS Brasil. Fonte própria	74
Foto 23. Imagem construída com materiais coletados, atividade 'intervenção-corpo-jardim, 2018. Pelotas RS Brasil. Fonte própria	74
Foto 24. Imagens construídas com materiais coletados, atividade 'intervenção-corpo-jardim, 2018. Pelotas RS Brasil. Fonte própria	75

Sumário

Resumo.....	05
Resumen.....	06
Lista de figuras.....	07
Sumário.....	09
Revirando a terra e produzindo as primeiras leiras... ..	10
Um jardim-texto-movediço... ..	16
O que é um jardim se não um corpo?.....	19
Jardim-texto-corpo: Se apropriando de um método	23
Pergolado primeiro: uma escrita errante	28
Que corpo é este que cartografa?	38
Pergolado segundo: outra escrita errante	45
Pergolado terceiro: <i>Pies cerrados</i>... ..	47
Vedando fluxos ou abrindo leiras em um terreno... ..	50
Outros caminhos a seguir... ..	54
Quarto pergolado: <i>encontros</i>... ..	55
Ainda semeando... ..	76
Referências:.....	79

Diante do mundo das flores estamos em estado de imaginação dispersada. Não sabemos muito, não sabemos mais acolhê-las na intimidade de seu ser, como o testemunho de um mundo de beleza, do mundo que multiplica os seres belos. Cada flor, no entanto, tem sua própria luz. Cada flor é uma aurora. Um sonhador de céu deve encontrar em cada flor a cor de um céu. Assim o quer uma fantasia que, em tudo, põe em movimento...

- Gaston Bachelard -

Revirando a terra e produzindo as primeiras leiras...

Pelotas, 19 de março de 2019

Olá como estás? Espero que bem!

Essa semana na busca de um objeto, que me remetesse a alguma memória afetiva, algo que surgiu, foi solicitado por um grupo de mulheres do centro de Artes da UFPEL, me peguei escrevendo essa carta, que é também um poema e que começa assim...

Memórias

Remexendo no armário onde minha mãe guardava suas louças

Remexia também em meus pensamentos...

Pensamentos esses que me levaram a sentir saudades de mim

De um tempo onde esperávamos um acontecimento para abrir o armário

E então usar as tão sonhadas xícaras de porcelanas

Um sonho quase intocável

Quase uma heresia, cogitar em usá-las

Pensava eu!

Quando esse dia irá chegar?

Quando poderei sentar a mesa e tomar um belo chá nas xícaras já quase empoeiradas pelo tempo

O tempo passou

E hoje olho para esse mesmo armário

Para as mesmas louças empoeiradas

E vislumbro outros significados para esse sagrado

Vejo refletida nas taças de cristais minha imagem

Muitas memórias

Louças que ainda continuam intocáveis a espera de um grande festejo

De um afetar

De um acontecimento...

Olhar para esse armário hoje, é como olhar para uma caixa cheia de esperanças para quem ali as depositou

A espera de um tempo que jamais chegou...

Penso que a vida é como esse armário como essas louças, que se não fizermos da vida um acontecimento diário, talvez não tenhamos uma nova chance amanhã.

Não podemos permitir que nada, nem ninguém nos tirem a alegria de por a mesa as nossas mais belas louças.

O tempo não espera nossas dores passarem

A dor nos torna muito verdadeira...

E é nessa dor, que precisamos ir buscar alentos para, nos fortalecer.

Esse processo é muito sofrido e caro.

Mas precisamos passar por ele, para que tudo se faça novo.

Como a chuva fria que caí no rosto

Como o vento que sopra nos ouvidos

Ou como o barulho das ondas do mar que elevam a alma...

Muitas vezes nessa caminhada vamos ter que vagar por labirintos solitários, cruéis e amargos...

Mas que irão nos permitir saborear os néctares das abelhas, de sentir o perfume das orquídeas, de contemplar o beija-flor com sua amada, e do encantamento de uma aranha ao tecer sua teia.

O silêncio, eco de nossas dores, e os pássaros anunciam a chegada de um novo tempo.

Tempo de quebrar as louças, rasgar as máscaras, moer velhos livros, desnudar-se.

Moer velhas quimeras que nos afastam de nós mesmas...

Deixo para você um pouco do meu perfume, e algumas sementes para serem cultivadas.

Um forte abraço!

Ao ler as palavras de Gaston Bachelard (1989) onde ele diz que “diante do mundo das flores estamos em estado de imaginação dispersada. Não sabemos muito, não sabemos mais acolhê-las na intimidade de seu ser” me ponho a pensar sobre a velocidade das coisas, a velocidade que imprimimos a nós mesmos, e de como esta velocidade nos faz criar medos cada vez mais intensos e sem cores e nos faz fixar estes medos ainda mais ocres e cinzas em nossas já temerosas angústias. Ao iniciar este texto, com uma carta que trata de memórias, busco escapar dos males do cotidiano, que não nos permite experimentamos quiçá não nos permitimos experimentar o tempo das coisas, e, sim o tempo dos quefazeres, ou seja, dos compromissos cotidianos que nos rechaçam a todo instante ao atraso.

Ao fazer esta escrita busco experimentar entre outras coisas até mesmo a formatação da página, parece algo simples, mas talvez demonstre que até aqui penso que é preciso romper com o ‘comum’.

Ladrilhos refletem a luz do teu olhar
 Ao longe a mulher observa atenta
 Um olhar velado
 Calado
 Um silêncio que entontece
 Que embriaga
 Grãos de areia foram deixados ao chão
 Quem sabe por pés cansados
 Atormentados pela dor
 De um amor, que nunca existiu
 Um som de esperança que ecoa ao longe
 Fragmentos de uma alma cansada
 Que se faz com lágrimas
 Com o sussurro de uma voz, que há muito foi calada...

Não se engane pela citação de Bachelard na página anterior. Este texto, esta pesquisa trata de tramar linhas *cartográficas* de pensamento, e, portanto, não irei caminhar entre as veredas do modo *imaginário* de pesquisar. Talvez alguns leitores, perguntem: – Mas então porque Bachelard? Digo-lhes: – E por que não Bachelard? Cartografar é um encontro, e posso dizer então com isso, que tive um encontro com Bachelard ao longo de minha pesquisa que possibilitou, permitiu-me que eu o trouxesse ao menos em forma de citações breves a contribuir com a estética de minha escrita dando quem sabe um sopro de ar fresco as leituras que vinha fazendo.

Muitos irão dizer que os autores do conceito do método cartográfico de pesquisa, Deleuze e Guattari (1994), não dialogariam com Bachelard (1989). O que me importam os outros, e se por acaso o que eles dizem me faz mal? O que importa são os encontros, e tive vários com Deleuze e Guattari, com Bachelard, com Rolnik, com Sibillia, Foucault, Louro, Le Breton e outros tantos, o que me possibilitaram construir/pensar este jardim-texto, esta inquietação, esta pesquisa, esta... escrita.

Este texto – esta pesquisa – trata de tramar linhas *cartográficas* de pensamento e, portanto, irei caminhar entre as veredas do tempo que cria linhas, leiras, sulcos, veios no chão na terra e que busca arrancar raízes, limpar, arar, podar e ver crescer a seu tempo os frutos e as flores que não se envenenam, que tem no toque das abelhas, dos pássaros e insetos e que ao sabor do vento, da chuva progridem, proliferam seus tons e odores e sabores e faz esta pesquisa ter o seu próprio tempo, sua própria velocidade, tal como a de um jardim. “É nos jardins do minúsculo que o poeta conhece o germe das flores” (BACHELARD, 2000. p. 303), é no vazio de uma leira e outra que a pesquisa se faz, no folhear o livro, dobrar a página, olhar o objeto, tocar, sentir, pôr os *pies desnudos* no chão da sala de aula, no te[a]r – construir o texto no quadro negro e dar à palavra o sabor doce ou amargo do sim ou do não – o pó de giz nas mãos.

Construir um jardim demanda tempo, esforço, dedicação, quem já fez sabe. Uma pesquisa de igual modo também, quem já fez sabe.

Este texto articula ideias e busca fazer uma discussão sobre um tema que há muito tempo me inquieta, o corpo, e que atualmente me põe em linhas-

derivadas que deslocam meus pensamentos a outros lugares que me proponho a investigar: Formação. Cartografia. Práticas docentes. Arte-filosofia. Poesia.

Essa pesquisa é realizada no Curso de Pós-graduação do Mestrado em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, tendo o presente trabalho sido realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, e tem como finalidade trazer reflexões cuidadosas acerca dos temas propostos, com vistas a algumas abordagens empírico-metodológicas das quais me utilizei para pesquisar sobre o assunto. Proponho como elemento de estudo, tratar sobre o corpo, bem como as derivações-linhas que demandam esses temas. O corpo aqui é entendido como elemento de fruição, possibilitando pensar de um modo cartográfico. Cartografar é encontro, e o que busco é encontrar este corpo, talvez o meu, talvez o seu, talvez discente, talvez do(c)ente, talvez.

É preciso salientar que ao passo que as leituras/estudos foram se constituindo, abriram-se possibilidades de pensar o objeto de estudo sobre inúmeras perspectivas e abordagens-modos de como poderia tratar tanto a apresentação escrita (esta dissertação), como os conceitos que aqui abordo. Ao finalizar esta etapa desta pesquisa de mestrado, sempre em construção, ainda não possuo resultados definitivos, e as observações-leituras que faço produzem notas que contextualizo a partir dos encontros que tive, até este momento. Mas, é também preciso dizer que não pretendo trazer respostas, fórmulas ou modos de fazer, e sim tencionar o arco das dúvidas e distender a linha que une suas pontas para problematizar, cartografar, antes de qualquer coisa, sobre esses objetos de estudo aos quais me inquietam.

O que pretendo ao tratar do corpo nesta pesquisa é pensá-lo em sala de aula. Por exemplo, como é esse corpo? Como é problematizado? Será que é problematizado? Como os professores tratam tal assunto, e, se tratam como criam possibilidades de pensar sobre as práticas cotidianas de ensinar e aprender sobre o corpo? Cabe aqui dizer que esse tema me inquieta desde antes, desde um devir-menina, e ao longo da leitura isso ficará claro em alguns momentos, e por isso justifico tratar sobre o mesmo.

Ao passo que esta pesquisa se desenvolve surge uma escrita que apresenta este texto sob a metáfora de um jardim, um jardim-texto-movediço no qual convido você, leitor, a caminhar por entre as leiras que surgem. Mas,

como a academia exige alguns ritos, e nós somos a academia, passo então a expor como surgem nesta escrita os ‘capítulos’ e ‘do que’ e como ‘me ocupo’ neles.

Em um primeiro momento contextualizo por que um jardim-texto, por que proponho que esta escrita seja tratada como um jardim. Após, em um próximo momento, tenciono perguntar *O que é um jardim se não um corpo?* Em *Jardim-texto-corpo: Se apropriando de um método*, trato de me ocupar da metodologia proposta para este trabalho, a cartografia, que encontra aporte em Deleuze e Guattari (1995) substancialmente, e outros.

Pergolado primeiro: uma escrita errante é uma prática de atividade-escrita que dá pistas de por que o corpo é tema desta pesquisa.

Que corpo é esse que cartografa? É neste capítulo que me ocupo sobre o corpo e suas derivações-linhas que escapam. Surge aqui *Pergolado segundo: outra escrita errante* em meio à contextualização do tema. *Pergolado terceiro: Pies cerrados...* É uma linha que escapa a partir de um encontro que me atravessou enquanto participava de uma atividade na Colômbia.

Vedando fluxos ou abrindo leiras em um terreno... É uma escrita na qual problematizo os modos de lidar com o inusitado, com os corpos inquietos em sala de aula, fazendo vistas as minhas observações de estágio no curso de Licenciatura em Artes Visuais e também a algumas leituras de meus encontros ao propor atividades/oficinas de leitura, enquanto busco observar esse corpo em sala de aula.

Outros caminhos a seguir é um texto que aponta algumas das atividades de pesquisa que realizei com um grupo de alunos, e que me dediquei com mais obstinação a partir do segundo semestre do ano de 2018, e primeiro de 2019, de um quinto ano de uma escola de periferia na cidade de Pelotas – RS, ao longo do tempo de realização desta pesquisa, e faz conexão ao capítulo anterior, encaminhando esta escrita ao seu fim, buscando ‘amarrar’ algumas ideias e propostas de pensamento aqui trabalhadas ao longo da construção de jardim-texto.

Finalizando, *Ainda semeando...* Trata de encerrar por hora esta escrita/discussão, não colocando ponto final, mas sim deixando reticências, pois, a escrita seguirá se fazendo, tal como vem se fazendo desde que conclui minha graduação em Artes Visuais em 2012...

Um jardim-texto-movediço...

*[...] sinta o ar fresco que surge com aroma de gozo de abelhas e de mulher que toca suas facetas, sinta o bálsamo de flor de minhas virilhas invadirem tuas narinas e te levar por entre este jardim movediço que sou...
- a autora -*

Este é um jardim-texto-movediço que construo com palavras, conceitos, flores e temperos. Aos incautos quiçá cabe aqui perguntar por que um jardim? Um jardim possui uma afinidade muito grande com uma pesquisa, com um corpo, desde os pormenores que envolvem as construções e fazeres de um e de outro. Flores e temperos que vou plantando, enquanto construo jardins de onde observo com atenção o melhor local para fazê-los, desde quando escolho as flores adequadas, os condimentos, os vasos, os locais onde é preciso revolver a terra preparando-a com cuidado retirando ervas daninhas, cascalhos, observando a incidência de luz, sombreamento.

Adubar, regar esta terra, flores e temperos de inúmeros aromas, tons e cores. Vasos suspensos traçando linhas para dar-criar caminhos àquelas plantas que precisam de esteio para seguir adiante. Reinos que se aproximam em agenciamentos, animal e vegetal, e deste modo se fazem, “sempre coletivo, que põe em jogo, em nós e fora de nós, às populações, as multiplicidades, os territórios, os devires, os afetos, os acontecimentos”. (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 65).

Uma pesquisa, antes de tudo, precisa de um tema, um terreno onde iremos construir nossas problematizações. Precisamos escolher um local adequado para assentar as primeiras plantas, essa poderia ser a metodologia que iremos empregar as plantas os conceitos, precisamos também limpar este terreno retirando os entulhos, as ervas¹ daninhas, estas que podem ser nossas indagações, “[...] a grama só existe entre os grandes espaços não cultivados. Ela preenche os vazios. Ela brota entre as outras coisas. A flor é bela, o repolho é útil, a tulipa endoidece. Mas a grama é transbordamento, é uma lição de moral” (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 25); revirar a terra produzir as primeiras leiras, estas poderiam ser as primeiras leituras primeiras escritas, as palavras/conceitos seriam as flores e temperos: porque não dizer nossas

¹ As ervas daninhas podem ser pensadas também como grama.

flores-palavras, conceitos-temperos? Ideias que vamos colocando nesta pesquisa ao passo que ela vai se fazendo, se construindo...

Um jardim não se constrói em pouco tempo, pois demanda cuidado, esforço para que exiba em todo esplendor sua graça, uma pesquisa, igualmente, também demanda este mesmo esforço, pois, aos poucos vai abrindo sendas no pensamento que permitem andarilhar por entre palavras, odores, conceitos, cores, que dão liquidez, deixam fluir as límpidas águas do intelecto promovendo deste modo dispositivos. O encontro como pensa Deleuze (1996) determina forças criativas, e, é esse tipo de encontro que se quer aqui pensar, o que autoriza agenciamentos. “É só num encontro que um corpo se define” (SILVA, 1995) veste-produz outra silueta e frui para além do comum. “É no encontro do rio com a roda d’água, com suas aletas de madeira que fazem a mó girar e o moinho produzir, transformando o grão em farinha” (CAMPELLO, 2016. p. 45) produzindo de tal modo algo novo a partir de forças que foram empregadas de forma criativa. É como em sala de aula, um conjunto de ações e modos de operar uma prática. É preciso cuidado, dedicação, intensidade...

O tosquiar a ovelha o mais rente à pele para aproveitar a fibra em seu maior comprimento e retirar o velo com cuidado, lavar, esgadelhar, cardar e fiar o fio, torcê-lo, ensarilhar, dobar e com ele tecer, tricotar, cerzir, atar, amarrar, ligar pontos, pontas e peças, agenciar, criar. Do tosquiar a ovelha produzimos o fio de lã, do fio produzimos peças a partir de uma necessidade produtiva - seja ela qual for, mas é preciso vários elementos, a ovelha, o tosquiador, a tesoura de tosquiar, a artesã, a roca, o fiar, o fio e todo o processo que isso envolve. A abelha e a orquídea, o rio e o moinho, o corvo e a presa, criamos territórios a partir do agenciamento de desejos que se constroem, *desconstroem* e se *reconstroem* em planos de imanência. (CAMPELLO, 2016. p. 45).

É na construção destes jardins de onde retiro forças e inspiração para problematizar questões que a mim são caras quando trato sobre meu objeto de pesquisa, o corpo. Desta maneira, cartografo este assunto e outras linhas que surgem e escapam me aprofundo como em tocas e deixo-me envolver, deixo de lado algumas destas linhas, sigo caminhos novos ou então antigos, colocando mais e mais os pés, as mãos o corpo neste território fértil, nesta terra úmida, que permite pensar temas pertinentes que versam sobre educação. É neste território onde problematizo questões e também busco

compreender como surgiram tais inquietações, quais pistas foram deixadas ao longo de muitos caminhos, quais segui, quais desviei, quais eliminei, enfim...

Ofereço esta proposta, esse jardim-texto como uma metáfora para seguir cartografando minhas práticas, esse é um jardim que surge como um disparador ao cultivo de um modo de perceber educação.

O que é um jardim se não um corpo...

O meu corpo é um jardim, a minha vontade o seu jardineiro.

- William Shakespeare -

Este texto serve a um propósito, um rito no qual a escrita e leitura que faço inúmeras vezes inventa cartografia, pois, sempre que retorno nele sou outra, outra que pensa de um modo distinto de quando iniciou esta escrita, esta leitura e que se *reinventa* a cada nova palavra posta nestas leiras. Deste modo, este rito é um novo início a cada instante que faço novamente sua leitura, sua escrita. É um corpo novo que se faz a cada instante que algo lhe atravessa. É um cair de folhas ao chão. São como árvores no outono que desnudam-se de suas folhas e flores e deixam-se expostas em seus troncos e galhos, desde os mais fortes aos mais frágeis. Uma entrega. Um envelhecimento necessário, para um novo recomeço. Um corpo que se *refaz*. Um jardim que recebe novas plantas, insetos e novas brisas...

Aqui neste momento, peço agora que retire seus sapatos, suas certezas de tudo que achas que sabe, sua pressa, seus afazeres; desligue seu celular para que caminhe comigo por entre as linhas que seguem... Caminhe comigo neste jardim-texto-corpo, e busque compreender comigo ou não, o que problematizo... O que me inquieta e que traz a mim dúvidas...

Jardim-texto-corpo é deslocar o pensamento, deslocar este corpo para um lugar de atuação, de se sentir, de experimentar o cuidado das relações, o semear, plantar, provar novas possibilidades, criar, apreender, se expressar, é ser corpo participante vivo, líquido que como as águas que escapam de uma vala buscam outro curso, que busca sentidos... É transitar por jardins de diversas formas, é buscar caminhar com amigos nessa busca inquietante do fazer-se professor. Pensar que todos nós, docentes e discentes, temos conhecimentos próprios e que somos criativos capazes de aprender e ensinar. Jardim-texto-corpo nos indica que falta-nos apenas disparadores, dispositivos, algo que nos desperte a atenção, e que nos torne cheios de sentidos abrindo deste modo sulcos nesta terra para que possamos então começar a semear... – Semear o que? Boas intenções? Não! De boas intenções o inferno esta cheio. Semear dúvidas, pois são estas que movem o pensamento.

Ao pensar esta pesquisa, em meio à construção de questões para indagar este assunto, percebo a riqueza que há na construção de jardins. O que é a criação de um texto se não a criação de um jardim? Qual a finalidade de um jardim? Entre tantas coisas, trazer beleza, regozijo, inspiração, aconchego, propiciar descanso, um agenciamento de encontros, de forças. E um texto não é mais que isso? A construção de um texto perpassa pela escolha de um tema, pelo uso correto das palavras ajustadas às classes que regem as normas, dos signos e sentidos que se quer expressar, conceitos, autores dos quais se pretende utilizar para ao fim compor uma ideia.

Quando se pensa educação se busca harmonizar de algum modo práticas, metodologias que possibilitem ao educando fruir de forma plena o que esta se aprendendo? Não só ao educando, mas também ao educador, pois penso educação como uma troca de experiências, um encontro. Forças.

Esse jardim pode ser a escola, a sala de aula. Comenius (1657) afirma que “a escola é um viveiro de humanidades”², terreno fértil onde podemos semear boas sementes e que com cuidado quem sabe podemos colher flores e temperos muito belos, com aromas ainda mais exuberantes. Assim como um jardim que necessita de zelo, limpeza diária, poda, rega, cuidado ao lidar com as flores, saber o nome próprio de cada uma, as necessidades de cada uma, mais água para esta, menos para aquela, mais sombra nesta, menos aquela, são Trevos, Aphelandras, Corações de Cristo, Dálías, Rosas, Jasmins, Hortelãs e outras tantas... Algumas necessitam de mais autonomia, outras não. Deste modo percebo a docência, os alunos, a sala de aula, o preparar as aulas, pois a dedicação que devemos ter ao lidar com pessoas únicas, tão particulares com tanto para nos dizer e ensinar, são como plantas em um jardim tão rico e belo e colorido que demanda paciência e atenção diária.

Mas, há, porém, entre meio as leiras, as ervas daninhas, estas que penso que são tão importantes quanto a plantas que plantamos e atentamos, pois elas nos lembram da responsabilidade que devemos depositar, pois senão

² Nas *Opera Didactica Omnia*, Comênio escreveu que isto fora afirmado por um profeta: «Verbo, totum hominem esse formandum ad humanitatem, reparandumque in nobis totam divinam imaginem, ad archetypi sui similitudinem: ut schola haec esse incipiat vere, quod esse debebant omnes, humanitatis officina, coelique et terrae plantarium, ut per prophetam loquitur Deus» (Pars III, col. 3-4). Disponível em: <http://www2.unifap.br/edfisica/files/2014/12/A_didactica_magna_COMENIUS.pdf> acessado em 05/05/18.

nosso jardim se torna só mais um lugar chato, sem vida, feio e sujo, mas que, mesmo deste modo irá conservar vida, irá possuir sua beleza, assim como na sala de aula onde existem os diamantes brutos que precisam ser lapidados, e que só o olhar acurado irá inferir atenção.

Ao escolher esta metáfora do jardim para construir minha pesquisa penso na harmonia da construção dos conceitos que precisam ser bem apreendidos, bem dosados, colados nos devidos lugares e que assim como a água que rega as plantas precisa saber quando é preciso usar mais ou menos. Um jardim-texto cheio de possibilidades, de linhas, leiras, de descobertas, de riquezas, de um cartografar e ser protagonista, de um percorrer os caminhos desde minha infância e observar com cuidado onde este corpo surge e me atravessa, e onde ele se esvai e dá lugar a pesquisadora.

Esta pesquisa, esta cartografia surge desde um pretérito-infância, onde hoje consigo perceber em muitas das crianças que observo nos meus fazeres pedagógicos, um eu ‘adormecido’, uma menina com os *pies cerrados*, com um desenho de soldado colorido de vermelho – considerado uma aberração pela professora – uma menina que foi humilhada por uma professora sem ‘zelo’. Um corpo preso a classe de aula, muitos não, poucos sim.

E, é na construção de meus pergolados que dou pistas desde um devir-criança; que se veste de outras de mim e escapa, por exemplo, dos fluxos decodificantes que sugerem dizer quem sou quem és, e surge este corpo me tomando, provocando encontros outros, devires, acontecimentos...

O devir para Deleuze e Guattari (1994, p. 55) “é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, [...] “as mais próximas daquilo que estamos em vias de nos tornarmos, e através das quais nos tornamos”.

Devir é um processo. Até mesmo quando é uma criança quem devém, ela entra em um devir-criança, pois devir não é reivindicar um estado já codificado e identificado; tampouco é chegar a alcançar um estado predefinido e reivindicado por meio da cópia, do adestramento ou da imitação. Devir-criança é, pelo contrário, entrar em uma zona de vizinhança e indiscernibilidade na qual não seja possível distinguir-se de uma criança. Trata-se de uma singularidade em sua expressão mais elevada, [...] não é um sujeito nem um objeto da educação, mas uma figura da alteridade, isto é, o Outrem que expressa um mundo possível para as formas de viver e pensar a educação. (JÓDAR et al 2002, p. 35)

Estes encontros potencializam um ser outra que se pergunta: Qual é a nossa máquina moedeira? Máquina de moer ossos, de moer sonhos, de moer ideias, ideais, máquina de moer, triturar, fazer quebrar, fazer anular... fazer abolir... fazer... fazer... fazer... uma máquina moedeira que devasta o que esta posto, construído, dito e produz algo novo, uma máquina moedeira construtora de devires. Qual a sua? A minha quiçá possa ser o cotidiano da vida que nos afasta dos encontros, das experiências, de perceber o que o olhar do outro está anunciando, do ouvir e saber escutar, dos afetos. Esse tempo veloz dos quefazeres que bombardeia as relações, o qual não nos permite mais saborear o néctar das abelhas, de sentir o perfume das orquídeas, o suor das virilhas, das mãos, de contemplar agenciamentos, de aumentá-los, não perceber o beija-flor e sua amada, de não perceber a poesia de uma aranha tecendo sua teia. A espera por sua presa. A força de suas quelíceras ao encontrá-la, de não sentir o orvalho tocando os pés, o barro que encharcar os dedos, a chuva fria inundar até os ossos, o rosto, seu odor, de ouvir o canto de sereias através de seus amuletos.

Assombra-me o silêncio entre as pessoas, este do querer dizer, de algo implícito, da censura que finca suas garras profundas, e cria distâncias, estas que existem nos não encontros. Assombra-me vê-los andar como fantasmas levados pela fumaça do ocaso, pelo vento ensurdecedor de uma floresta de eucalipto, um silêncio que ecoa nossas dores, um vazio que atormenta a alma, um lugar, onde o pássaro somente sobrevoa, e não faz morada...

Jardim-texto-corpo: Se apropriando de um método

Qualquer um pode tentar capturar o vento...

- Hardt & Negri -

A proposta do método de pesquisa escolhida para se trabalhar é a cartográfica, pois possibilita mover-se em meio às questões da pesquisa de um modo em que tudo o que seja matéria possível, sensível e que afete o pesquisador seja trazido à discussão e fomenta problematizações. Deste modo, ao buscar elementos possíveis ficciono, crio, evidencio termos, trago elementos de outras áreas para contribuir com minha pesquisa, busco outros cheiros, outros gostos, tiro os sapatos e ando descalço em brasas. Provoco esse corpo, escapo por entre os dedos como a terra que se esvai em um punho cerrado.

Tal método não visa aos fins e sim aos meios. Interessa mais falar sobre o que ocorre no meio do que achar alguma resposta, “cartografar é acompanhar um processo, e não representar um objeto” (KASTRUP, 2008, p. 469). Não é a conclusão que importa, mas sim a construção e tudo o que imbricou essa construção. Assim sendo, aproprio-me de tal método, de tal “prática investigativa que ao invés de buscar um resultado ou conclusão, procura acompanhar o processo” (COSTA, 2014, p. 70), buscando andar em meio ao terreno e observar com cuidado, estar à espreita para cada possível detalhe que dê suporte, que crie linhas para procurar investigar. “A pesquisa cartográfica exige dedicação, estudo e preparação como em qualquer outro método. Não se abandona o que se sabe, mas se amplia, modificam-se os sentidos” (CAMPELLO, 2016, p. 27), buscam-se vias novas e caminhos distintos para fazer pesquisa. A cartografia permite-me ser parte, fazer parte, tomar parte do processo, acompanhar e ir além, me colocar em meio de, dentro de...

Esse corpo me inquieta desde antes, desde um pretérito enquanto criança e aluna dos anos iniciais do ensino fundamental, desde minha Licenciatura em Artes Visuais, após, no curso de Pedagogia nesta Universidade – UFPEL, e segue pulsando forte, pois quando leio esse pretérito me coloco em meio a esta pesquisa, percebendo esse corpo que já estava lá

desde cedo me provocando e inquietando e, é deste sentir que a cartografia é feita, a partir de inquietações que me atravessam.

Ao escrever este texto e pensar sobre essas questões que são onerosas a mim, estou fazendo cartografia, pois sigo por entre linhas que me proporcionam pensar sobre esse corpo em sala de aula, o devir-criança. Um corpo familiar aprisionado a botas de ferro. Um esteio para não desviar da forma dita 'adequada' de um corpo. Um par de pés cerrados. Um corpo delicado, inquieto, repleto de rasgos, e vergões de cacos de vidro e pregos velhos. Um corpo frágil que subia em todas as árvores que pudesse subir e balançar e sentir o vento. Era - essas árvores - um bom castelo, uma boa nave espacial na qual eu navegava as estrelas. O bom e velho 'salgueiro chorão' do fundo do pátio que irrompia os limites impostos do criar.

O olhar de turista que preenchia os olhos castanhos que brilhavam ao sol, o cabelo cor de ouro que bailava e uma vontade de explorar o mundo que surgia a cada passo. Um corpo-menina que via flores de açúcar sendo criadas com carinho em tortas e bolos que adoçavam ainda mais o amor de mãe. Um corpo-menina que caía e corria e dormia com as pesadas botas de ferro. Sapatos que defendiam e protegiam dos que caçoavam. A cartografia "não abre mão do rigor [...] o rigor do caminho, sua precisão, está mais próximo dos movimentos da vida" (KASTRUP, 2014, p.11) que se busca aqui trazer em forma de narrativas.

Ao tratar de cartografia, método proposto por Deleuze e Guattari (1995), pensa-se "uma geografia dos afetos, das sensibilidades, dos movimentos e das subjetividades que podem, assim, pensar sobre procedimentos de transformação que afetem/possibilitem implicações no individual e também no coletivo. Pesquisador e problema de pesquisa" (CAMPELLO 2016, p. 23).

Segundo Rolnik (1989),

A prática de um cartógrafo diz respeito, fundamentalmente, às estratégias das formações do desejo no campo do social. E pouco importa que setores da vida social toma como objeto. O que importa é que ele esteja atento às estratégias do desejo em qualquer fenômeno da existência humana que se propõe perscrutar desde os movimentos sociais, formalizados ou não, as mutações da sensibilidade coletiva, a violência, a delinquência [...] (ROLNIK, 1989, p. 65).

Aquele que faz investigações cartográficas a qualquer momento pode se deparar com pistas que podem problematizar sua questão de pesquisa: um filme, um livro, uma pintura, um acontecimento - a partir da proposta deleuziana de pesquisa, em que o acontecimento é aquilo que nos toca -, um cheiro, um olhar desprezioso, um caminhar por caminhos já percorridos, “todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas” (ROLNIK, 1989, p. 65), desde que as possibilidades de fuga se apresentam e possibilitam seguir buscando apreender mais sobre o objeto de estudo, ainda que o objeto seja nós mesmos, “[...] a cartografia [em parte] não depende de um plano a executar, de um conjunto de competências a adquirir ou de uma lista de habilidades a aplicar em determinado campo pelo pesquisador” (FARINA, 2008, p. 09). Há cartografia somente na entrega e como ocorre essa entrega é que nos interessa, é estar sensível ao que nos toca. “Ser cartógrafo não é algo que se define a partir de percursos já gerados, de caminhos já seguidos, nem mesmo do uso de utensílios ‘próprios’ para a pesquisa, pois, toda pesquisa se torna nova quando se aprende a observar” (CAMPELLO, 2016, p. 26), cada pesquisa é nova mesmo que o tema seja antigo. É o que imprimo a ela e como imprimo: gestos, modos e olhares que a tornam única, que a fazem diferente de outras tantas que abordam os mesmos temas.

O fazer de uma escrita cartográfica pode ocorrer pelo meio, não existe um início, um fim, não se busca responder perguntas, mas sim tencionar, abrir a caixa de Pandora³ e deixar escapar, fruir inquietações, deixar escapar-se; “desta forma, o que se percebe na cartografia é que o pesquisador-cartógrafo vai construindo seus passos estando no próprio campo, é estar no território” (COSTA, 2014, p. 70), é construir este território ao passo que a pesquisa vai se construindo, vai se fazendo ou se *desfazendo*. Como diria Luciano Bedin da Costa (2014, p. 71), “é uma prática de pesquisa suja, *pois* é também parte da geografia a qual se ocupa – não se pode em uma pesquisa cartográfica, situar o campo de pesquisa como algo que estaria ‘lá’ e o pesquisador ‘aqui’”, ambos estão amalgamados: campo-problema-pesquisador, pesquisa, corpo, jardim...

³ Caixa de Pandora é um artefato da mitologia grega, tirada do mito da criação de Pandora, que foi a primeira mulher criada por Zeus. A "caixa" era na verdade um grande jarro dado a Pandora, que continha todos os males do mundo. ... Pandora foi criada com um único defeito, a curiosidade. Disponível em <<https://www.google.com/search?q=caixa+de+pandora+mito&oq=caixa+de+pandora+mito&aqs=chrome..69j57j0l5.4127j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>> acessado em 22/12/2018.

A cartografia como método de pesquisa põe “em relação um conjunto de saberes: o cartógrafo pode ser um filósofo, sociólogo, um psicólogo, um historiador, um geógrafo, um sintomatologista, um clínico, e, sobretudo um artista” 3(COSTA, 2014, p. 75). Ao cartógrafo é admissível diversos modos de construir o saber, desde que exista encontro.

Ao perceber a cartografia a partir do olhar de um jardim movediço, onde sento em meu banquinho de madeira e observo as estrelas atentamente, o movimento que ocorre entre elas, os pontos que ligam linhas fictícias ou não, conectando-se, formando rizomas, — “num rizoma entra-se por qualquer lado, cada ponto se conecta com qualquer outro, não há um centro, nem uma unidade presumida” (Deleuze e Guattari, 1994, p. 03) — busco vários pontos entre as mesmas, permitindo o curso, a passagem, deixando escapar linhas, fissurando aberturas e outros pontos com movimentos distintos, caminhos, estradas e saídas que foram surgindo a partir do próprio movimento dos olhos, que buscam, buscam, buscam...

O cartógrafo traça esses movimentos, observa-os minimamente: Expressão, fruição e tudo o que for gerador de sentidos. Inquietações. O novo. Até mesmo o que é antigo, o que vibra e faz vibrar o corpo. Interessa pouco explicar, mais compreender, mergulhar nos afetos e criar pontes, buscar descobrir tons de uma mesma cor e perceber que há ainda mais a buscar, ou a descobrir. Assim como se faz esse jardim, elemento a elemento, um a um. O intento é de mexer e fazer viagens de transição abrindo e fechando portas para essa ou outras esferas. O que quero é enrodilhar-me por entre realidades distintas e campos fecundos, ou não. Fazer vibrar as cordas de uma harpa, as linhas de um corpo que se faz vibrátil e não teme o movimento, deixa escapar o encantamento. Abrir sulcos na pele para dar acesso ao que quer sair. É como um rio que nasce pequeno e vai abrindo caminhos e se fazendo grande, para logo encontrar águas volumosas e potentes, que fruem com força e intensidade.

O cartógrafo deixa-se fruir vendo o mundo com suas próprias lentes, utilizando seus próprios códigos, sua linguagem e seu alfabeto, seu silêncio e sua solidão, “está ‘entre’ todo mundo, se põe em movimento como um barquinho que crianças largam e perdem e que outros roubam. (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 09). É como o bater de asas de um beija-flor canalizando a

energia no voo, mas não se esquecendo de extrair o néctar das flores, ou o João de barro que constrói sua casa grão a grão não a si, mas a sua companheira. É como a semente que cai na terra e germina pouco a pouco, produzindo algo a partir do movimento de cair.

Ao cartógrafo é importante a queda, pois, “só tropeçamos quando nosso pé se encontra com algo” (COSTA, 2014, p. 75), é aquela pedra no caminho, a erva daninha que precisa ser arrancada, não interessam verdades, não interessa o aconchego e beleza das cores do jardim, mas sim o movimento que se fez ao criá-lo, do tanto que se mexeu com a terra, da escolha das flores e temperos e de onde colocar um ou outro. Interessa é observar quem são seus moradores, quem vem visitá-lo. Interessa observar, estar à espreita. Encontrar. Encher os pulmões com uma lufada de ar puro e deixá-lo escapar sem culpa... “A orquídea não reproduz o decalque da vespa, ela compõe um mapa com a vespa no seio de um rizoma. Se o mapa se opõe ao decalque é por estar inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real” (DELEUZE, 2015, p. 30). Experimentações que se constroem dia-a-dia no cotidiano de sala de aula, por exemplo.

Essa ‘experimentação ancorada no real’ são/foram meus encontros desde minha infância que me fazem pensar esse corpo, desde quando escrevo acerca de meu soldadinho vermelho; sobre meus pés lá em meu pretérito-infância aprisionados, dos *pies cerrados* da professora colombiana que chorou quando participamos da dança sagrada e que, com os meus pés nus, dei outro sentido a suas práticas. Quando disserto sobre minhas observações de estágio no curso de Licenciatura em Artes Visuais, sobre minhas práticas de docência e como percebi esses corpos aprisionados. A cartografia não se faz a partir do que o outro diz como é, mas a partir do encontro das forças do campo problemático que se está embrenhado, das experiências que o atravessa(ra)m...

A cartografia feita nesta pesquisa se mostra quando ofereço a outros, a partir de meus encontros, a oportunidade de se ‘pensar este corpo em sala de aula’, o que ao longo do processo de escrita e leitura deste trabalho repenso. Faço cartografia quando construo um jardim. Um mapa. Um jardim-texto-corpo. “Uma obra de arte, uma ação política” (DELEUZE, 2015, p. 30), ética e estética, um jardim-movediço construído com flores-palavras, com minha

escrita que abre leiras na terra por vezes árida. No corpo por vezes cansado. Minhas leituras são como chuva que irrigam e encharcam a terra, com minhas escritas faço rizoma, agenciamentos, faço cartografia quando construo esta pesquisa, oferecendo passagens por entre os pergolados que construo, e isso por si só já é um esforço colossal.

Pergolado⁴ primeiro: uma escrita errante

‘Intervenção-corpo-jardim’

Neste presente momento, surge a partir destas linhas o primeiro pergolado, onde apresento uma atividade que nomeie de ‘Intervenção-corpo-jardim’, que surgiu da proposta de seminário: *Corpo, identidade e cultura* oferecida na disciplina *Desenho do corpo, o corpo que desenha* que é ofertado neste curso de pós graduação no pelos docentes: Prof.^a Dr.^a Nádia Senna e Prof.^o Dr.^o Thiago Amorim.

É nesta escrita a qual relato em detalhes a intervenção-cartográfica que propus, e que trago as imagens que também irei tratar de me ocupar, faço um relato de atravessamentos que ocorreram neste curso de pós-graduação, que inquietaram este corpo.

Este é o primeiro de quatro pergolados escritos com uma fonte distinta do restante do texto, com a intenção de destacar algumas das atividades-intervenções que considere importantes as quais realizei ao longo do percurso desta pesquisa, no Mestrado em Artes Visuais da UFPEL.

Esta era uma proposta de avaliação da qual havia a necessidade da entrega/composição de um trabalho que poderia ser um seminário poético, performance ou instalação ou outra forma livre de apresentação. Tivemos a liberdade de escolha para criar o que, e como

⁴Uma pérgula, pérgola ou pergolado (português brasileiro) é uma espécie de galeria, para passear, construída em forma de ramada. Passeio ou abrigo, em jardins, feito de duas séries de colunas paralelas e que serve de suporte a trepadeiras. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A9rgula>> acessado em 08/03/18.

Na escrita deste texto pergolado assume sua característica funcional de passagem, uma espécie de ‘túnel do tempo’ onde ao iniciar sua leitura se passará há pretéritos da autora. Resgates de encontros potentes e criadores...

apresentar, e é aqui, já neste instante, que abrem-se as janelas do pensamento, as portas da percepção, e dispõem as 'chaves'. Estas que ficam a disposição do criador, o claviculário fica acessível de alcançar, e as portas ou labirintos pelos quais iremos caminhar passam a compor e ser potência do pensamento. Abre-se passagem para o que pede caminho, como rio em sua nascente...

Minha inquietação era oferecer algo que em algum momento nesta disciplina havia me tocado. E, ao fazer resgates a partir da memória, até este instante o que vem fazendo fissuras no meu modo de pensar são estas inquietações com os pés, com corpo, que trago de um pretérito-criança, e este jardim que insiste em ser potência na escrita. Portanto, o caminho que resolvo seguir é o de experimentar a construção de um jardim-movediço, com essa turma de mestrado, meus colegas e professores desta disciplina, e é um jardim-movediço porque ele se constrói em espaços que deixam de ser só meus...

Como havia um período de tempo ainda para elaborar a proposta tive alguns dias para organizar o caos do pensamento, e após conseguir arranjá-los me ponho a fazer. Como os pés são uma inquietação sabia que precisaria de sapatos, o jardim é potência, flores também seriam preciso. Ainda havia um véu escuro que dançava sobre as órbitas das faces que precisava ser retirado, mas ao passo que ia caminhando este véu ia descendo.

A primeira providência foi comprar sapatos, resolvi que seriam usados, pois há o signo da caminhada de cada um que usou estes sapatos, uma forte referência aos percursos traçados, singularidades, caminhos... Pus-me em brechós⁵ pela cidade – mais na região do centro para ser exata, pois existe maior demanda – procurando a matéria prima de meu trabalho...

Confesso que achei que seria mais tranquilo, mas houve um desconforto neste conjunto de vísceras e ossos e líquidos, foi uma pesquisa, um exercício de garimpo, em busca de um que se ocupasse de satisfazer minhas necessidades, fiquei horas sentada, de pé,

⁵ Um brechó ou adelo é uma loja de artigos usados.

agachada escolhendo alguns modelos de sapatos que tivessem alguma relação com a proposta, e por fim acabei elencando um estabelecimento em específico, pela qualidade dos materiais que lá encontrei, no qual me pus a trabalhar, pensando em como poderia apresentar aos colegas, quais elementos poderia conciliar, o melhor modo de oferecer a proposta a eles...

De tão imersa que estava na proposta começo a perceber conexões daqueles sapatos que surgiam à minha frente de algum modo com pessoas que conheço, colegas, por exemplo, de aula... A partir de suas singularidades do olhar de cada um, de suas falas, seus signos. Tentava imaginar algum colega e qual seria sua reação ao encontrar-se com seu 'par de sapatos', a partir de seus gostos, suas preferências, um exercício de reflexão e observação, uma potência de tomar distância e ser sensível ao que lhe toca, atravessa.

Num dado momento entre meio a vários pares de distintas formas e modelos, mas nenhum estava com seu par, perguntei o motivo disso ao dono e ele de uma forma rápida e direta respondeu: - roubo!

Aqueles sapatos uns sobre os outros faziam conexões, e foram disparador para tomar distância e me por em outro lugar a pensar ao buscar diversos tipos de sapatos. Distintas formas e modelos e cores e odores, a diversidade de minha sala de aula, de tantas outras salas de aula, pés que caminham livres, presos... Confesso que alguns pares de sapato busquei [tentando] imaginar qual de meus colegas iria se identificar, um exercício vã e desnecessário... Pelo convívio que tive com os mesmos ao longo de um período de tempo achei que poderia fazer tal conexão, mas não. Um exercício supérfluo e desnecessário. Por alguns momentos me perdia nas imagens que se criavam, e em suas vontades de querer passagem..

Enfim, ao sair do brechó que elenquei como fonte de matéria prima, sai suada, cansada, dolorida, mas feliz, pois sabia que estava 'caminhando' por uma trilha adequada, sabia também que ainda faltavam outras coisas para terminar meu experimento, faltavam os temperos, as flores e ervas que iam completar tal atividade. Como disse antes ao escolher

os sapatos existia a suspeita de alguns colegas iriam identificar-se com os mesmos, o mesmo processo ocorreu com as flores, com os temperos, com as ervas...

Passou a ser parte de o trabalho escolher aquelas que penso ter afinidade com suas personalidades, um exercício de sensibilidade. Sabia que não iria contemplar a todos e que talvez pudesse estar enganada, e, é neste momento que começava a me dar conta de outra coisa, que já estava pensando esta atividade esperando ver a reação de meus colegas de aula. Por quê? Por que isso era importante? Será que era de algum modo importante para mim? Ou não passava de um carinho cultivado? De um querer bem, de oferecer a eles um carinho através desta composição poética, oferecer a eles algo que em mim em determinado momento afetou. Algo com o que em algum momento me encontrei.

Seguindo minha caminhada, fui a algumas floriculturas, em muitas na verdade, e em cada um encontrava algo que me agradava, em cada uma que chegava havia um encanto na escolha. As flores, confesso foram mais simples de comprar por que penso ter mais proximidade com elas, sei sobre seus tratos, seus manuseios em relação à rega, a poda, incidência de luz, temperatura. Com suas amizades há de se ter estes cuidados...

Havia ainda alguns itens que faltam para confeccionar esta atividade: adubo, terra, regador e utensílios de jardinagem. Havia um cansaço físico, algumas partes deste corpo reclamavam, mas havia também uma sensação de dever cumprido, de realização interna, era como se o corpo estivesse comunicando algo...

Em um determinado momento uma dúvida surgiu: Será que estas plantas, estes sapatos, suas formas, seus signos, distantes em tudo, em reinos e funcionalidades, aqui iriam se harmonizar, agenciar-se?

Mas, minha proposta ainda precisava de um local a ser instalada, fiquei alguns dias observando e escolhendo um que se adequasse para minha atividade de 'intervenção-corpo-jardim'. Depois de muito pensar, decidi

onde iria aplicar. Seria no pátio, um local de acesso a dois prédios distintos do centro de artes.

Ali já existem algumas obras que acredito serem trabalhos realizados em outras disciplinas por também colegas e professores deste curso...

No dia da intervenção, preparei com carinho todo o material que havia comprado, cheguei cedo à universidade e dediquei-me a um momento de introspecção, onde a palavra pode ser suprimida e somente a respiração fala por nós, momentos em que um segundo leva anos para terminar... É um corpo que quer se comunicar, que fala na solidão, um capricho que despertei nesta disciplina com alguns encontros que tive com algumas leituras oferecidas.

Muitas pessoas que transitavam pelo local ao verem as plantas perguntavam se estavam a venda, queriam tocar, cheirá-las e incomodada dizia que era uma intervenção que iria propor, que não estavam a venda. Pensava comigo, será que só veem o que esta posto? É preciso olhar para as coisas com asseio...

Em sala, após as apresentações dos colegas convido-os a descer, neste momento, percebo que já existe deslocamento, que é deste modo que pretendo problematizar minha pesquisa. É preciso sempre movimentar este corpo em sala de aula para que estas sejam melhor sucedidas?

Ao chegarmos ao local que pensei ser o mais adequado disponho os sapatos, as plantas e os utensílios para então fazermos a atividade. De imediato todos entenderam a proposta. Sol, calor, terra, água, pássaros uma frondosa árvore que nos brinda com sua generosa sombra e um grupo de alunos e professores ávidos a escolher sapatos, lugares e plantas. A interação de todos com os materiais dispostos se deu de uma forma tão harmônica que penso que os fins se cumpriram, pelos meios.

Em uma sombra de uma bela árvore que acolhe a todos que por ela passam ou resolvem se recostar, foi o local onde alguém resolveu explorar e fazer uso do que esta árvore esta oferecendo. O convívio em

harmonia, sobre o trabalhar agradavelmente, sobre o estar juntos. É aqui que foram disponibilizados os materiais para realizar a atividade.

De início alguns estavam tímidos, mas logo um colega pega uma bota e daí por diante se seguiu um caleidoscópio de ações e movimentos em fluxos contínuos e descontínuos que construíram deste modo um mosaico de ações, produzindo/compondo um jardim-movediço.

Eles - os colegas e professores - trazem consigo intenções que não eram as mesmas minhas, mas agenciaram-se, distorceram-se, criaram um mundo singular. Para todo lado que fotografo, uma imagem se faz, um retrato único surge repleto de significados/intenções/signos. Uma imagem refletida na lente dos meus olhos, por todos os cantos desse jardim movediço que cria uma história, uma narrativa. Conforme Mitchell,

“os historiadores da arte podem ‘saber’ que as imagens que estudam são apenas objetos materiais que foram marcados por cores e formas, mas eles frequentemente falam e agem como se as imagens tivessem sentimentos, vontade, consciência e desejo” (MITCHELL, 2015, p. 168).

As imagens falam por si, flores e sapatos e informações diferentes imagens que reverberam em um pretérito infância.

Com a bota cheia de terra e uma planta assentada nela trata-se de falar sobre desconstrução, de darmos outros signos aquilo que nos interessa, de singularizar o que esta posto e criar, e percebermos que o que esta dado pode assumir outras perspectivas. Uns plantaram algumas mudas em botas, outros não. Uns penduraram os sapatos em árvores, em fios de nylon de outro trabalho já realizado.

Ao desconstruir a utilidade da bota reinventamos outro sentido para ela, para o caminhar, para o encontro. A planta mostra-se potente de estar em qualquer ambiente, seja no mais inesperado.

As imagens possuem várias formas de entradas para se ler e dizer algo que não está explícito uma complexidade na sua leitura, uma polissemia. A imagem possui uma linguagem própria que é só dela, e

pode vir imbricada de metáforas, poesia e códigos a serem decifrados, por um olhar mais treinado e aguçado, ou não, mas que para um leigo podem passar despercebidos, possuindo uma potência na sua narrativa, encharcados de subjetividade e imaginação na sua leitura

Uma imagem pode assumir vários disfarces para comunicar uma expressão poética, “compreender a imagem nos mostra sua forma de mostrar – que nos mostra, portanto, como ela se mostra” (BOEHM, 2015, p. 36).

A imagem é uma narrativa, uma construção do pensamento, uma transição simbólica, um acontecimento. A imagem guardada em uma fotografia passa a ter uma relação sensorial, que permanece guardada na memória, no momento, mapeando elementos que tornem a imagem um elemento real.

O que ela mostra, ou já mostrou é, portanto quem sabe a questão. Pois, será que esta imagem mostrará a todos o que ela realmente esta mostrando?

Minha proposta inicial era a desconstrução dos signos dos sapatos. Mas cada um seguiu um caminho próprio, sua criatividade, seus afetos e deram voz as suas percepções...

Para Deleuze (2010)⁶, “o conceito de signo não está vinculado a determinações da linguagem, do espaço da semiótica, trata-se de um conceito-teoria”, o signo em Deleuze (2010), “é referente a uma imagem, à natureza, à sanidade, à doença, à subjetividade, a pensamentos, a sentimentos, à política, à sociedade, a uma folha que cai, a um cheiro ou sabor...”

Nessa imagem uma aluna se utilizou dos fios de nylon já postos e entrelaça um par de sapatos de salto alto verde a uma grande árvore,

⁶ In: NEUSCHARANK, Angélica. OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. *Encontros com signos: possibilidades para pensar a aprendizagem no contexto da educação*. Educação | Santa Maria | v. 42 | n. 3 | p. 585-596 | set./dez. 2017 ISSN: 1984-6444. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reveducao/article/viewFile/22579/pdf>> acessado em 22/04/18.

dando a impressão de ser um corpo, de que esses sapatos possa fazer parte.

Ou, também alguém que passou por aquele local, viu aquela grande árvore, muito exausto, com os pés cansados, quis aproveitar a bela sombra, retirou seus sapatos e desfrutou do seu acolhimento, Ou...



Foto 01. Uma bota e sua planta, Centro de Artes, 2018 (atividade 'intervenção-corpo-jardim), Pelotas RS Brasil. Fonte própria

Os alunos conseguiram captar a proposta, sendo sensíveis as suas peculiaridades individuais. Na escada uma colega colou dois sapatinhos infantis amarelos dando a impressão que estavam subindo os degraus.

Algumas plantas foram colocadas na terra, outras em uma caixa d'água, que são utilizadas pelo ateliê de cerâmica como armazenamento de argila.

Um totem foi escolhido pelos professores e por alguns alunos para plantar algumas mudas de manjeriço, cebolinha, orégano, salsa, etc.

Salas para outras salas Fragmentos

Ladrilhos refletem a luz
do teu olhar Ao longe a
mulher observa atenta
Um olhar velado
Calado
Um silêncio que
entontece
Que embriaga
Grãos de areia foram
deixados ao chão
Quem sabe por pés
cansados
Atormentados pela dor
De um amor, que nunca
existiu
Um som de esperança
ecoa ao longe
Fragmentos de uma
alma cansada
Que se faz com lágrimas
Com o sussurro de uma
voz, que a muito foi
calada
A solidão encontrará a
louca, a bruxa que lhe
habita Que lhe define
como loba
Como fera, como águia
Como essência de
mulher
Epistolar da alma...

- a autora-



Foto 02. Sapatos azuis, nylon e uma árvore, Centro de Artes, 2018 (atividade 'intervenção-corpo-jardim'), Pelotas RS Brasil. Fonte própria

Uma colega colocou uma bota azul emaranhada com fios de nylon, em baixo de um trabalho feito de argila, com vários blocos, um sobre o outro e no topo várias casinhas de passarinho, também construídas de barro. Ao fundo vários elementos, se agregam no jardim, um carrinho de mão, uma cadeira. Folhas secas, pássaros, pedaços de madeira, uma porta branca gradeada, que sugere levar a algum lugar, alguns alunos sentados em caixotes de madeira discutindo filosofia, a sombra de uma bananeira.



Foto 03. Sapatos na escada... Centro de Artes, 2018 (atividade 'intervenção-corpo-jardim), Pelotas RS Brasil. Fonte própria

A criação deste jardim provocou um deslocar. Deslocar o corpo, o pensamento e senso comum do que poderia ser uma boa aula. Em determinado o professor provoca intencionalmente as pessoas que transitavam pelo local a desviarem seus caminhos quando coloca uma das plantas no centro do caminho. As reações foram diversas. Uns pularam, alguns desviaram, um parou para pensar sobre... Alguns indiferentes não foram tocados pela proposta.

Quando se aguça o olhar e se pensa educação pensando estes corpos que estão lá na sala de aula, discentes e também docentes. O movimento não se faz só no corpo, mas no pensamento. É preciso oferecer oportunidades e explorar o que há de mais criativo para que estes corpos se desenvolvam plenamente.

Que corpo é este que cartografa?

[...] E o ele foi: clavículas, abdômen.
 O coração, a boca, em sínteses, o Homem,
 - Engrenagem de vísceras vulgares -, os dedos carregados de
 peçonha,
 tudo coube na lógica medonha dos apodrecimentos
 musculares!
 A destruição dos intestinos assombra!
 Vede-a!
 Os vermes assassinos dentro daquela massa que o húmus
 come,
 numa glotonaria hedionda,
 brincam, como as cadelas que as dentuças trincam
 no espasmo fisiológico da fome.
 É uma trágica festa emocionante!
 A bacteriologia inventariante toma conta do corpo que
 apodrece...

 - Augusto dos Anjos -

Mas que corpo é esse de que trato? Onde se assentam as ideias no pensamento quando busco revirá-las? O corpo que me inquieta é um corpo-fluxo, um corpo-movimento, intensidades, um corpo criativo que faz torções em si mesmo, “um corpo antes do organismo já estratificado, um corpo que, por assim dizer, pode se tornar o que quiser definido-se apenas por multiplicidades” (MOSSI, 2013. p. 41), um corpo que quer escapar, como a água em um cano furado, mas está preso, um corpo que persegue linhas, que dança como folha solta ao vento. Um corpo que se encontra separado do que pode, pois está vigiado, está punido. “que se tornou num corpo investido, crescentemente submetido ao controle social e intervenções no sentido de canalizar e controlar as forças que agem sobre seu comportamento”, (PEREIRA *apud* FOUCAULT, 2010, p. 45). “O grande instrumento de razão de uma cartografia é o corpo. É preciso, pois, saber ouvi-lo e acioná-lo” (COSTA, 2014, p. 74), fazer esse corpo sentir, encontrar, autorizar-se e criar com os encontros.

Que linhas são essas que perseguem esse corpo? Pensar algumas dessas linhas é pensar, por exemplo, sobre práticas e metodologias docentes

que também fazem escapar e levar ao conceito de corporeidade que, segundo Ahlert (2011, p. 04), “indica a essência ou a natureza do corpo. A corporeidade vem de corpo, que é relativo a tudo que preenche espaço e se movimenta”. Desse modo, quando se trata de perseguir essas linhas, sempre haverá outras que podemos ou não seguir. É preciso estar atenta, pois posso perder-me e não conseguir voltar mais. Quando isso ocorre estou em um caminho que não possibilita retorno, estou na doença.

Desse modo, surgem autores que dão inspiração para produzir esta escrita que é atravessada a todo instante por questões arriscadas e inquietantes. Questões amalgamadas em um pretérito e presente que se fazem unas e miram alvos/dúvidas incertas, alvos que se fazem ao passo que adentro mais e mais neste jardim-texto de terreno lodoso, caudaloso e fértil...

A essência de um corpo é definida como uma potência, uma tensão; ou, servindo-se do exemplo biológico da semente ou do ovo, ela é definida como um germe. Ora, todo germe quer germinar, expandir-se, efetuar-se, produzir frutos (seres) no devir. O limite do corpo é sempre exterior a ele, mas como efeito móvel ou flutuante de uma potência produtiva interna que se quer cada vez mais longe do seu começo. O que essa potência quer é sempre agir nas fronteiras, ultrapassar seus próprios limites, suas próprias formas, inventando novas multiplicidades, novas maneiras de ser numa superfície em devir, distendendo sempre mais o arco tenso do passado-futuro (REGIS et al, 2012, p. 279).

Ao passo que adentramos neste jardim-texto, pretendo tencionar o arco de questões sobre práticas e metodologias docentes, as quais chamo de formação, não a formação de formar-me, de tornar-me habilitada em algo, mas formação no sentido de vir a ser algo novo, algo que eu não problematizava ser. Portanto, cabe questionar: o corpo que preenche espaço se movimenta em sala de aula? O corpo dos alunos que lá estão é percebido? De que modo? E, é aqui que há de existir cautela e dedicação para ir com paciência revirando/remexendo as questões, pois o objeto deste estudo, o corpo, perpassa; se move em meio a metodologias, bibliografias, autores de inúmeras disciplinas, áreas do conhecimento. Esses aparecem com opiniões, sugestões, inquietações, que para além das possibilidades, pode-se explorar este tema, um modo de problematizar e formar um arcabouço rico de discussões que nunca se esgota, pois esse assunto é sempre um grande campo a ser explorado, e é falando sobre que aprendo sobre ele.

O corpo “é questão contemporânea do qual vem se ocupando pensadores de várias áreas. Filosofia, antropologia, sociologia, medicina, engenharia genética, artes cênicas e comunicação...” (SIQUEIRA, 2006, p. 39), que cheios de expressões, fruições e criações buscam compreender de que forma esse corpo se desenvolve, esse corpo que diz: - Eu sou corpo.

O corpo é rico de possibilidades que podem ser exploradas por professores de diferentes formas, potencializando o aprendizado, que nesta pesquisa busco entender tanto do ponto de vista do aluno como do professor, pois se não existe encontro nessa relação não existe aprendizado. Aprender é uma troca. O encontro pensado por Deleuze e Guattari (1995) não é o encontro de pessoas, coisas ou objetos, mas o encontro de forças que potencializa outros movimentos: uma leitura, uma música, um filme, uma flor... Um trovão que rasga os céus e surge com uma capa vermelha empunhando um martelo místico... A sala de aula é rica de encontros, basta estar sensível para se deixar encontrar... Penso que é papel do professor, como mediador, provocar esses saberes fundamentais para a construção das relações, o caminhar junto, ser criativo, fazer deslocamentos. Inquietar na sala de aula, construir jardins, buscar notas novas mesmo em melodias dissonantes, apresentar um quadro verde e velho com roupas sujas repleto de histórias novas, como acontece, por exemplo, no seriado de TV *Once up a time*⁷. Os contos de fadas ganham uma nova perspectiva e os vilões podem sonhar com seu final feliz.

Ao trabalhar em nome do conceito de corpo, o educador deve compreender as questões relativas ao tema, pois inúmeros autores problematizam o assunto a partir do arcabouço conceitual do qual fazem seus estudos, criando discussões que derivam sobre o encontro de possibilidades ou não de melhor fruir sobre o corpo. Por exemplo, professores de educação física tratam do tema a partir de conceitos de saúde. Professores de Artes⁸ problematizam a estética. E, para além desses autores, há os que buscam na Filosofia amparo para discutir sobre este corpo.

⁷A série se passa na cidade fictícia de *Storybrooke*, no *Maine*, cujos moradores são todos personagens de contos de fadas que foram transportados da Floresta Encantada para o "mundo real" através de uma poderosa maldição obtida através de *Rumplestiltskin* e lançada pela *Rainha Má Regina*.

⁸A palavra Artes aqui com toda a gama de sentidos que a envolve: teatro, música, dança etc.

Ao materializar o pensamento em palavra e criar os primeiros jardins-textos, mesmo sem saber que eram jardins, foram feitas algumas leituras que me levaram a um forte discurso acerca do corpo predominantemente relacionado ao culto de padrões preestabelecidos pela sociedade, que nos últimos tempos valoriza-o em demasia.

O corpo é moeda usual, pois usamos nosso corpo parra tudo, desde os prazeres, as intervenções sejam elas quais forem. Desde o uso como força de trabalho, como para uso intelectual ou gozo. É instrumento onde mudanças e conquistas ocorrem, com forte influência nas áreas médica e estética, arquétipo neste novo século, com mais abrangência na tecnociência e inúmeros avanços que surgiram nas práticas de medicina em virtude de uma grande expansão das tecnologias.

A beleza eterna que se busca e se constitui em práticas de exercícios físicos a todo instante propagados como aliados de um bem estar emocional/social transformando a forma física do corpo que se molda a cada época em sinônimo de saúde e beleza. Nesta atual época, exigem-se corpos magérrimos e bem delineados. Envelhecer não é mais permitido, “a morte e a velhice que surgem para atemorizar este humano que hoje é biotecnológico prende-se ao ‘culto ao corpo’” (SIBILIA, 2012, p. 151) desconsiderando o que anteriormente era belo e que hoje assume novos padrões.

As sociedades atuais cultuam em demasia o corpo que em sua estrutura literal, busca ainda cumprir seu papel e funções, mas carrega consigo o estigma da ‘obsolescência programada’. Deste modo, na atual sociedade o corpo bem delineado é sinônimo/status de consumo, objetivo a ser alcançado. É a composição do embate entre o envelhecimento e a morte, trazendo uma concepção de corpo redefinido, o velho torna-se um estigma porque está à mercê do tempo e da natureza. “A negação do próprio corpo insta a conquistar a qualquer custo à visibilidade e a celebridade midiática para poder ‘ser alguém’ na sociedade atual” (SIBILIA, 2012, p. 149). ‘Ser alguém’ está para além de criar encontros e pensar escapar desses grilhões que invisivelmente o prende à cadeira em frente à TV, à esteira da academia, aos discursos bem estruturados que versam sobre como ser, o que vestir, como andar, que medidas - inatingíveis -possuir, aos discursos de como obter tais medidas...

A luta contra balanças impõe a cada novo dia um menor peso, 10 quilos não querem realmente dizer 10 quilos. O corpo se torna um instrumento para fixar sujeitos no seio social do qual se quer fazer parte. – Nossa como você esta envelhecida! – Que corpo é este bem malhado?

Ocorre o hibridismo entre a carne e a técnica que enfatiza a fabricação de biomateriais, que são mesclados aos terminais nervosos e musculares ao associar biologia, informática e robótica. Desenha-se um novo mundo de sentidos, com a definição esperançosa que precisa ir além dos seus limites tradicionais e de configurações impostas. Porém, é recorrente a visão que considera o corpo como “obsoleto”, despojado de valor, tornado insípido” (STERLAC *apud* LE BRETON, 2013, p. 52).

O corpo ampliado pela biotecnologia vai deixando de lado um corpo obsoleto que se transforma com o passar dos anos. E no cerne de tantos avanços que vêm ocorrendo se torna relevante pensar sobre as novas formas e modos diferenciados de ordenar estes corpos, a partir dos avanços tecnológicos que se apresentam.

Guacira Lopes Louro (2012, p. 12) nos diz que “o corpo é o que se diz dele” ao lado dos longos dilemas contemporâneos que estabelecem um percurso entre a construção individual do corpo e sua gestão social, sendo que esses dilemas perpassam por questões como “bioética, bioestética, biopoder e biotecnologia” (COUTO; GOELLNER, 2012, p. 08), estimulados por um mundo em transformação onde se vive uma “progressiva banalização da experiência humana. Essa condição nos traz imensos desafios, como a urgência de construir corpos nos ritmos acelerados das mudanças tecnológicas” (COUTO; GOELLNER, 2012, p. 08). O corpo que hoje possibilita discussões, busca de forma incessante a beleza eterna, que se constitui nos mais íntimos/fugazes desejos. Nunca se deseja uma única coisa, o desejo é um agenciamento de forças e desejar é construir agenciamentos, pois “nunca desejamos algo só, sempre em um conjunto de coisas⁹”.

⁹Ideias elaboradas a partir da letra “D” de Desejo, contidas no Abecedário. O Abecedário de Gilles Deleuze é uma realização de Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnasse, Paris. No Brasil, foi divulgado pela TV Escola, Ministério da Educação. Tradução e Legendas: Raccord [com modificações]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uojVXjdBwg0>> acessado em 02/09/15.

O ser humano vem experimentando, nos últimos anos, um processo de transformação no seu modo de vida. Para Sibillia (2012, p. 145), “os corpos humanos podem cada vez mais, e podem durante mais tempo”. É desde os anos 1950 que a experiência de mixar corpo e tecnologias vêm deslocando da ficção para o cotidiano das pessoas, do marca-passo aos chips; dos condutores elétricos que emitem sinais nervosos do cérebro para os órgãos às diversas próteses instaladas no corpo para superar deficiências, curar doenças, realçar aspectos da beleza, favorecer a juventude e revitalizar o desempenho corporal. “Os confins do corpo humano estão sendo redefinidos” (SIBILIA 2012, p. 146). A tecnociência possibilita ser quem quiser e a incisão de inúmeras práticas cirúrgicas possibilita, inclusive, a troca de sexo. Nasce-se homem e ocorre a mudança para assumir-se como mulher e vice-versa, “o principio de identidade torna-se tão obsoleto quanto às formas corporais indefinidamente remanejáveis” (LE BRETON, 2013, p. 49). O corpo parece feito de “máquina, imagens e informações” (SANTAELLA, 2007, p. 130), sangue, pus e ossos e vísceras que abroham de forma incessante criando/constituindo, sendo sujeito, sendo ser. Os corpos aparecem “borrados, moldados e transformados pela tecnologia” (SANTAELLA, 2007, p. 130).

O corpo está no seio central de inúmeras discussões nos dias de hoje. Mas não se percebe verdade ao entrar no seio da escola, e é aqui que cavo mais fundo e reviro a terra com mais vigor para extrair todas as raízes que lá ainda persistem, todas as ervas daninhas que insistem em retornar, quebro todos os torrões que insistem em permanecer em blocos quando piso em um terreno que se mostra fértil à discussão, mas também é um terreno minado, repleto de bombas que emanam preconceito, desconfiança, suspeita... Se fosse aqui abrir espaço para tal discussão, ou seja ir mais fundo estaria problematizando questões que podem ser exploradas melhor de outra forma em outro contexto onde exista tempo para pesquisa e a busca de mais autores que contextualizem tal discussão. Por hora simplesmente tenciono o arco, mas não disparo as flechas.

Penso que precisamos sim ser cautelosos, mas não omissos. Precisamos pensar que esse corpo que está preso a cadeiras e modos/práticas de lecionar de determinados professores, precisa ser explorado. Os professores estão exaustos e fatigados de numerosos anos de abandono, de

descaso e más condições de trabalho, de políticas públicas que não pensam a docência, ou por negligência, ou por omissão, empurrando “esse professor escada abaixo”.

É difícil nos dias de hoje de interação instantânea – internet - pensar a educação, que ainda é bancária, assentada no sentar e copiar, calar e não mover-se, olhar tão somente a nuca do colega que esta à frente sem ser algo prazeroso ao aluno. Não falo como metáfora, mas sim como fato observado e comprovado nas relações que tive/tenho com salas de aula distintas. Desde observações e docências de estágios supervisionados de licenciatura dos cursos de Artes Visuais e Pedagogia às aulas nos cursos de graduação e até mesmo mestrado. É incrível que se problematize tais questões dentro da academia e aqui ainda se faça uso do mesmo quadro verde e velho com roupas sujas, mas que não está repleto de histórias novas... Um quadro negro que pode ser só o que resta, ou que pode libertar.

É importante salientar que a intenção desta pesquisa não é propor uma fórmula adequada de como devemos tratar o ‘corpo’ em sala de aula, pois, cada perspectiva é distinta da outra, mas sim, isso sim, problematizar, oferecer questões, problemas, fazer com que os professores movam o pensamento e alterem as fronteiras do ‘fazer docente’; pensem sobre como lidam em seu dia a dia com esses corpos que estão enraizados. Já não é muito o ‘controle’ capitalista vigente impondo suas normas e padrões? Não tenho respostas para dar sobre como se pode mudar, nem tão pouco, ideias de dizer como fazer. Penso que estar aqui tratando sobre o tema, já é algo que nos move a pensar sobre...

Historicamente a escola desconsidera temas relativos ao corpo, à corporeidade. Há um tabu, aromas de preconceito, cheiros de ares poluídos pela maldade da inquisição, pois notadamente quando se busca relativizar o assunto, tais temas são abordados na maioria das vezes com superficialidade e em(*im*)pregados de preconceitos sociais. Quando se pensa em trabalhar com o conceito de corpo, há sempre o estigma do discurso acerca do sexo.

Quando Foucault perpassa pelo tema e dá pistas em História da Sexualidade: A vontade de saber (2017), tratando entre outras coisas sobre o que se falou sobre este assunto precisamos, nós docentes pensar que “não se fala menos de sexo, pelo contrário. Fala-se dele de outra maneira; são outras

peças que falam, a partir de outros pontos de vista e para obter outros efeitos” (FOUCAULT, 2017, p. 30), portanto não só professores discutem sobre sexo, e acredito sim que devem discutir sobre com seus alunos, mas médicos, psiquiatras, o clero, a família outros tantos já fazem. E não devemos associar somente este discurso quando pensamos em potencializar este corpo, pois tais discursos vêm desde antes, Foucault (2017) já estudou e bastante sobre isso, por exemplo em História da Sexualidade, volumes 1, 2 e 3, e tais estudos ainda seguem nos auxiliando a pensar e nos fazendo percebermos, sobre discursos, meios, modos, por exemplo, de como a escola e as fábricas e os manicômios locais ditos para proteção e auxílio - que acomodam, ditam regras e horários, conformando e docilizando corpos em virtude das vontades do poder. E, não vamos entrar neste assunto, pois isso demandaria outro extenso texto, pois sabe-se que este, o poder, se mostra com inúmeras facetas...

Um modo subjetivo de vislumbrarmos um corpo docilizado, é observando como que este se assujeita às sociedades e aos seus padrões estéticos capitalistas vigentes, a partir do discurso da saúde, por exemplo. Pereira *apud* Foucault (2010, p. 45) diz que uma sociedade disciplinar, se expõe através de técnicas próprias e formas de docilizar e moldar sujeitos mesmo sem estes saberem que o estão sendo, “a racionalização da sociedade ocidental que encontrou no corpo humano um novo objeto de exploração e controle. A modernidade terá sido por isso, responsável pelo desenvolvimento de uma nova forma de poder centrada no corpo”, estetizando este corpo, deixando-o mais viril, sexy, ‘durável’, estendendo sua longevidade com o consumo de inúmeros tipos de remédios e tratamentos, “estéticos”. Cabe salientar, e onde estamos nós professores tratando sobre este corpo? Onde estamos nós professores alertando sobre tais discursos? Talvez estejamos nós também adoecidos nas academias, buscando algum recurso ou medicamento...

Pergolado segundo: outra escrita errante

Sou uma menina de seis anos de idade muito feliz, filha de pai electricista e mãe professora e doceira. Com uma grande vontade de aprender coisas novas e adentrar a escola, por ver toda a dedicação e

empenho de sua mãe em aprender e ensinar as crianças. Afinal a escola tem que ser um lugar mágico pensava, minha mãe fica noites a dentro fazendo trabalhos, desenhos, corrigindo muitos papéis, pintando, escrevendo, lendo, enfim.

Aos seis anos minha mãe consegue me matricular na escola municipal ao qual ela trabalhava, em uma turma de 1º ano, mesmo sendo a obrigatoriedade aos 7 anos. Minha mãe insistiu muito com a diretora da escola em me matricular, pois não tinha com quem me deixar, nem condições financeiras de pagar uma baba para me cuidar. Então minha mãe consegue a tão sonhada vaga na escola.

Era quase um sonho para mim iria estudar na escola que minha mãe dava aula, e minha irmã estudava teria mais tempo para estar perto delas. Muita ansiedade na espera do início das aulas e na compra de meus materiais. Pensava delirantemente vou parar a escola!!! Todos os materiais comprados, tudo organizado, a melhor roupa separada, a final amanhã é um grande dia.

Sou a primeira a pular da cama cedinho. Acordar mãe! Mãe, mãe está na hora vamos nos atrasar. Ela disse ainda é cedo filha! Eu insisti não mãe está na hora. Enquanto ela não acordou não parei de assoviar. Finalmente ela acorda e começa a nos arrumar para irmos à escola. Eu, minha mãe e minha irmã, tomamos café, escovamos os dentes, pegamos nossos materiais e saímos as três em direção a escola que ficava umas 3 quadras de nossa casa. Muitas risadas, alegria e um pouco de ansiedade.

Não via a hora de entrar em minha sala e conhecer minha professora. Minha irmã vai para uma sala, minha mãe vai em direção aos alunos dela, e eu vou para outra fila que lá está a minha professora, linda!!! Acompanhamo-la para a nossa sala, entramos na sala e tudo era tão colorido, aquele monte de classes, e tinha muitas crianças, tudo tão diferente. Sentei com outra menina, as classes dos alunos eram de dois lugares, que estranho isso! Pensei.

Tinha um grande varal com muitos prendedores, onde ficavam dispostos os trabalhos dos alunos, e muitos cartazes nas paredes. A professora

se apresentou, seu nome era Madalena e em seguida ela fez a chamada chamando um a um.

Tudo era novo, mas encantador e poder estar nesse lugar era a realização de um sonho. Fizemos algumas tarefas, pintamos folhas mimeografadas e uma moça bate na porta chamando para irmos para o refeitório merendar. Fomos todos em fila, meninos para um lado e meninas para o outro.

Alguns comeram a merenda da escola que parecia bem gostosa e outros comeram o que trouxeram na lancheira. Voltamos para a sala, fizemos mais algumas atividades de colar bolinhas de papel em volta da letra A. Crianças vamos para o recreio disse a professora, recreio??

Deve ser bom, sempre ouvia minha mãe falar disso. Muitas crianças correndo, brincando, se divertindo e eu também entrei nessa, o difícil foi parar depois e voltar para a sala, fiz uma amiga nova no recreio. As minhas costas e meu bumbum doem um pouco, é duro essas classes de madeira, incomodam um pouco, estou louca para olhar para traz e falar com a minha nova colega que senta mais ao fundo, mas não sei se devo?

É melhor não, vá que a professorar fique brava. Bom vou seguir colando minhas bolinhas de papel. Bate o sinal para irmos para casa, encontro minha mãe e minha irmã, que saudades que eu estava delas. Minha mãe muito curiosa pergunta filha como foi? Foi muito bom mãe! Eu vi tantas coisas, pinteí, colori, coleí bolinhas de papel crepom, fiz uma amiga nova e a professora é legal.

Pergolado terceiro: Pies cerrados...

Quando fomos à Colômbia através de um intercambio estudantil com o IFSUL em outubro de 2016, tive a oportunidade de participar de uma aula de artes, onde a professora possui um grupo de alunos que participam de varias danças, sendo uma delas a dança sagrada na qual tive a oportunidade de vivenciar e participar.

Uma experiência incrível que me tocou. Foi convidada a adentrar em uma sala grande, com um espelho no fundo da sala que era em toda a extensão da parede. No primeiro momento todos fazem um grande círculo, se dão as mãos e começam em um ritmo, lento e uma música suave.

Quando me deparo com aquelas crianças todas de uniforme e com os pés calçados, me remeteu aos aprendizados do teatro, onde sempre fazíamos nossas atividades de pés descalços, em conexão com o universo.

Fiquei por alguns minutos olhando eles se movimentarem, fiquei esperando que a professora fosse dizer retirem os sapatos. Mas esse momento não chegava, foi quando eu tirei os meus sapatos, e como num sopro suave e fino adentro a roda que baila, todos voltaram seus olhares a meus pés, nus.

Seguimos a dança, e conseguia perceber em cada olhar, uma imensa vontade de retirar também os seus. Dançamos por uma hora, sentamos, e, em uma conversa a professora faz algumas perguntas de como nos sentimos, e eu também fui questionada. Foi quando coloquei o porquê, dei a ver dos meus pés descalços, e da necessidade de tê-los livres, despido de todo preconceito, de amarras.

Do voltar e resgatar a essência daquela criança que corria de pés descalços pelas ruas na sua infância, sem se importar com julgamentos de outras pessoas, do que iriam falar, só pensava em ser feliz. Foi quando expliquei sobre essa ingenuidade que perdemos quando viramos adultos e nos fechamos em nossas prisões.

Percebo que ao passo que vou falando, a professora de artes começa a chorar, talvez por também sentir-se aprisionada, por ter se emocionado, são muitas as hipóteses, eu tive a minha, vocês vão ter as suas, mas são somente hipóteses. Quem saberá o verdadeiro motivo.

Na verdade não importa, pois o que interessa, o que realmente importou foi o encontro com esses alunos, com essa professora, e ter vivenciado essa experiência, encontrado com uma cultura outra e ter experienciado a possibilidade da troca de vivências, de afetos. Muitas coisas trouxeram comigo, e muitas deixei por lá, nesse jardim que

percorro algo novo foi semeado em todos nos que lá tivemos. Remexer nessa terra tão fértil e produtiva, me fez ver, e remexer a minha terra, que já estava acomodada e solidificada em minhas verdades.

Nada está dado, tudo é incerto, e movediço como esse jardim que transito.

Vedando fluxos ou abrindo leiras em um terreno...

O cano estoura. Imediatamente inunda todo o local. A água esta transformando o local em algo novo, provocando movimentos novos que antes não estavam sendo vivenciados. Está criando-se algo novo que muitos pensam que não era para estar ali. Em seguida busca-se consertar o cano, vedar os fluxos que escapam e querem fruir. Na escola isso é tão comum. Aquele aluno que não se cala, que não copia, que só quer brincar, que é inquieto, que questiona, mas seus questionamentos são de ordem alheias ao que ocorre na sala, esta questionando mais simplesmente para interromper, perturbar, que de algum modo, trata mal seus colegas seja com palavras ou gestos, ou atitudes...

A criança que não consegue se adequar aos 'padrões' ditos ajustados para um aluno: aquele que é quieto, que pouco se movimenta, que só faz comentários sobre o conteúdo trabalhado, que traz seus afazeres pedagógicos em dia, aquele aluno que é o inverso daquele descrito linhas antes, aquele aluno que sempre é tachado de indisciplinado, bagunceiro, problemático e é reprimido e repreendido de inúmeras formas a todo instante.

Aquele aluno que não se sente no local adequado, pois para ele a escola não possui sentido algum, o aluno que quer fruir de outro modo, que não seja aquele imposto a partir da ordem do discurso vigente que diz que o aluno quando vai a escola precisa copiar todo o conteúdo, que precisa se comportar, e precisa ter 'bons modos'. Mas, o que é ter bons modos afinal? Esse aluno é logo vedado, e se não se consegue resolver a 'contenda', ou seja, padronizar este aluno, fazer com que se alinhe 'às normas da escola' ele é prontamente encaminhado a outros profissionais na instituição: especialistas, supervisores e coordenadores pedagógicos que tentam vedar seus ímpetos, geralmente com ameaças, intimidações, advertências, e se isso ainda continuar: encaminham-no aos profissionais da saúde que lhe diagnosticaram. Pais e alunos que sofrem agora imposições do Estado, sim o Estado impõe que a escola encaminhe estes alunos para que sejam 'medicados', docilizados que dita à normatividade adequada àquele que na escola não encontrou seu lugar.

Cada professor em sua sala de aula é responsável pelo modo como irá empregar suas práticas e empreender o conteúdo aos alunos, é o senhor de

seu castelo, é 'intocável' e faz isso, a partir de sua práxis e a partir de um corpo que carrega consigo todas as culpas e glórias que o constituem. Marcas. Encontros. Não se deixa de ser sujeito, para tão logo se tornar docente e vestir o manto, único, da docência.

Ao observar professores atuando percebo que muitos fazem - tratam suas práticas - reproduzindo algo como era reproduzido enquanto era aluno. Percebo que em muitos não há brilho no olho, sorrisos largos e verdadeiros nas faces, seguem um caminho árido sem um oásis à frente... E é preocupante pensar sobre isso. Inúmeros são os desafios que precisam conquistar um a um, dia a dia para exercerem sua profissão.

Ao pensar sobre esse assunto, não é intenção apontar o dedo e dizer o que está certo ou errado, longe disso, pois cada um faz a seu modo e conclui seus objetivos trilhando o caminho que lhe parece mais seguro, mas às vezes se percebe que o caminho é longo e árduo demais para quem conduz o cortejo de modo em que chorar pelo ente querido é a única coisa que resta. Há de se pensar que esse pode estar em um lugar melhor, e também há para quem acompanha o cortejo um lugar melhor, basta procurar.

Portanto, não é dando fórmulas, receitas prontas ou formatando o 'disco rígido' que serão resolvidas tais questões. O vírus é antigo e até mesmo novos vírus irão novamente infectar esse PC e novamente precisaremos formatá-lo... O cano poderá estourar e inundar a sala com água, ou não. Basta então saber e ter as ferramentas adequadas para poder consertar o cano. E cada múltiplo cano irá estourar de um modo distinto e irá precisar um modo distinto de conserto...

Cada um precisa de um tipo de cuidado, de observação, um modo de como se aproximar. São pessoas. Cada uma com suas implicações e não podem ser tratadas como iguais, a partir de parâmetros estabelecidos de outros. Não podem ser considerados iguais.

A pergunta é: como tratar com tal questão? De onde partir e pensar se esses fluxos precisam ou não ser vedados? Creio que esse seja o ponto do terreno onde possamos assentar mais nossos pés e o pensamento e buscar compreender por que isso ocorre.

Neste ponto de nossa conversa, paro e observo que há muitas 'ervas daninhas' tomando esta parte do jardim, ou seja, muitas questões que

precisam de respostas, e é aqui que podemos empreender esforços para limpar este terreno-pensamento e melhor vislumbrar a paisagem que se mostra, ou seja, discutirmos mais sobre tais dificuldades que muitos professores, por exemplo, encontram em sala de aula, estas estrias que deixam-transformam o trabalho docente em um fardo.

Há casos em que as medidas citadas acima sobre aqueles alunos precisam sim ser tomadas, mas creio que podem ser amenizadas desde que se pondere uma forma de pensar em tais questões. É preciso discutir sobre ‘os reis do castelo’, não generalizando, mas colocando o dedo numa ferida que está aberta, pois é preciso rever práticas e modos de fazer do(c)ente.

Quiçá uma sugestão é parar e escutar. Ouvir o que o outro tem a dizer. Se permitir ser ouvinte. Observar o que aquele corpo esta querendo ou precisando dizer. Perder-se em meio às classes, em meio ao pó de giz, em meio aos contos de fadas, em meio às chaves e colchetes e parênteses e às classes gramaticais e durar, experimentar, encontrar... Ser também parte efetiva daquele espaço. Poderíamos ao menos uma vez deixar que o cano estourasse, vazasse e inundasse a sala à vontade, deixando ver, ao menos uma vez, como seria trabalhar com os pés encharcados. “O corpo assujeitado pode libertar-se em alguma medida mesmo que provisoriamente, reinventando a sua subjetividade. E criar subjetividade implica em um ato criativo” (SILVA e LIMA, 2013, p. 199). Rolnik (2019, p. 01) nos diz que a subjetividade “é o perfil de um modo de ser - de pensar, de agir, de sonhar, de amar, etc. - que recorta o espaço, formando um interior e um exterior”, um dentro e um fora, um modo de como nos formamos, o que nos possibilita pensar como pensamos.

Rolnik (2019, p. 01) ainda nos diz que “a pele é um tecido vivo e móvel, feito das forças/fluxos que compõem os meios variáveis que habitam a subjetividade: meio profissional, familiar, sexual, econômico, político, cultural, informático, turístico, etc.” os quais nos conformam-moldam-combinam-adéquam-ajustam, nossos modos de ser e estar, nosso corpo.

Como foi dito antes, o fazer docente, ser professor é transitar por jardins de diversas formas, é buscar caminhar com amigos nessa busca inquietante do fazer-se, ser professor. E, aliar ainda a isso, um pesquisador, um professor que busca entender suas práticas, seus fazeres, que busca compreender o meio que lhe cerca, e quem lhe cerca. Busca problematizar o que lhe atravessa, e

também o que lhe inquieta. Cartografa nas leiras mais sutis do sensível o que lhe passa, às vezes imperceptível.

Precisamos pensar que todos nós temos conhecimentos próprios e que somos criativos e capazes de aprender e ensinar. Falta-nos apenas disparadores, dispositivos, algo que nos desperte a atenção e que nos torne cheios de sentidos abrindo assim sulcos na terra para começar a semear...

Outros caminhos a seguir

Ao conduzir esta caminhada a um ponto de chegada, ao menos por hora, ou seja, ao encerrar isso que fazemos juntos neste momento, esta caminhada, e também a construção deste jardim de onde tiramos momentos para pensar sobre escola, sobre profissão docente, sobre, principalmente corpo, acredito ser pertinente tratar de narrar alguns encontros que ocorreram ao longo da jornada em um ambiente que acredito ser rico e cheio de múltiplas possibilidades, encontros e espantos. Sim! A escola. Lá onde espantar-se é uma possibilidade. Espantar-se é estar aberto ao novo, a encontros. E, este lugar é fértil em subjetividades, portanto, permite a criatividade fruir e deste modo, quem sabe, espantarmo-nos.

Todavia, eu sei, muito do que foi feito enquanto construía este jardim, este espaço de criação de experiências, de formação, já foi dito, já observamos ao longo da caminhada que fizemos juntos, mas algumas coisas novas foram produzidas, algumas coisas que me levaram a escapar e chegar ao local que hoje estou. Uma professora que olha para trás, para o que traz consigo, para que seus alunos trazem com eles, e que busca produzir sentido, busca espantar-se.

A escola é um local que muitos, de inúmeros modos, atacam e alguns poucos fortificam seus muros e montam barricadas e os defende com toda força e garra possível. Portanto, o que posso querer concluir, se é que existe algo concluído, nesta proposta de investigação é que somos movidos-impulsionados-jogados a frente, impelidos a partir dos encontros que nos ocorrem, e ao passo que construía esta pesquisa muitos encontros ocorreram, e muitos deles na escola. Um local que me proporciona, como já disse antes, encontros, espantos e que acredito. Em especial uma escola no bairro Fragata na cidade de Pelotas – RS.

Silvio Gallo (2002) trata de um conceito, do qual ele extrai de outro, que é educação maior, que ele busca na filosofia de Deleuze e Guattari (2014) onde estes dois tratam da literatura menor em Kafka. Educação maior para Silvio Gallo (2002) é esta educação pronta que vem de cima que nos diz o que e como fazer, os modos como, por exemplo, devemos vedar os fluxos, endurecer, nos endurecer. É a burocracia do ter de seguir os planejamentos de

conteúdo a risca, cumprir com as obrigações de cada etapa de ensino, e que não observa o momento de cada aluno, que não lhes dá o 'seu tempo', e não entende que somos distintos em todos os aspectos e signos possíveis, ou seja, esta educação maior não respeita os processos de composição de cada um em suas singularidades. Em suas sutilezas e necessidades no(do) aprender.

Por tal motivo, as próximas leiras tratam de dizer sobre como se deram algumas atividades, as quais, em algumas visitas a escola me proporcionaram encontros tão potentes que me moveram a pensar e experimentar meus modos de tratar minha docência. As atividades realizaram-se com uma turma de quinto ano do ensino fundamental, em uma escola de periferia na cidade de Pelotas – RS. As irei colocar em forma de pergolado, pois são cartografias das quais preciso passar por esta pérgola e ir buscar no intimo de minhas imagens e memórias o que preciso para narrar estes encontros... Alio a este pergolado muitas imagens das atividades propostas, pois, acredito na imagem enquanto palavra e na potência das mesmas.

Quarto pergolado: *encontros...*

[...] no início um misto de ansiedade, curiosidade e anseio de logo querer ver resultados me tomava, pois, afinal de contas esta turma era nova. Quer dizer, nova, pois a cada ano sempre venho desenvolvendo atividades nas turmas de quinto ano nesta escola há uma aproximação muito forte com ela. Meu esposo Ronaldo leciona nesta escola há pelo menos sete anos e por isso sou muito próxima deste ambiente, foi lá também que estudei durante boa parte de meu ensino médio, e, segundo fala do próprio Ronaldo, minhas incursões a sua sala lhe possibilita oxigenar suas práticas e seu modo de observar os alunos.

Este talvez seja um dos encontros mais potentes, pois nossos trabalhos há muito tempo estão imbricados, e, é difícil dizer onde inicia um e onde termina o outro, mas, enfim, retomando, ao chegar à escola em um primeiro momento, havia a necessidade de por em ação, minha pesquisa: Movimentar fisicamente o corpo, esta era a proposta inicial. Tirá-los da cadeira, agir e daí re-pensar se minhas perguntas iniciais estavam de acordo ou não com o que estava posto no papel, no

projeto de pesquisa, se realmente o que intuía fazia sentido. Do projeto de pesquisa fiz um recorte de um 'projeto' de 20hs para entregar na escola.

Nele existia a proposta da construção de um jardim, e de vincular a criação deste jardim a assuntos pertinentes ao corpo e o que demanda deste tema. Sempre pensei a escola como um jardim enorme, cada criança como uma flor, um tempero, uma pequena ou grande árvore que demanda cuidado, carinho, afeto. Tudo bem amplo. E, até mesmo quem sabe, desconexo. Mas estava lá para tentar fazer algumas conexões.

E, minha ideia grosso modo era fazer com que estes alunos a partir do cuidado que teriam com a criação do jardim, buscassem ter com seus corpos. Algo que fui atravessada a partir das falas do Ronaldo quando ele tratava sobre o seu processo de escrita, de seus alunos, o cuidado de si, que vem lá do Foucault (1992). Minha inquietação partia daí. Tratar deste corpo, do cuidado, e que *a posteriori* me provocou a pensar sobre formação.

Deste modo, quando cheguei à escola, à turma, vi uma sala com cerca de vinte e oito alunos, ansiosos e sedentos por coisas novas... Apresentei-me para os eles, falei um pouco de quem eu era, alguns já me conheciam, falei da minha pesquisa no mestrado, de minha proposta para trabalhar junto deles, percebia seus olhos brilharem, todos ao mesmo tempo queriam falar, dizer do que gostam, o que queriam fazer.

Mas, como este era o primeiro momento e servia somente de apresentação, de reconhecimento, não podia dar muitas pistas, mas um sentimento maior de não querer sair de lá me tomou e acredito que ali já fui arrebatada, quiçá um espanto talvez, pelo grupo, pela sala, pela situação de possibilitar algo diferente a eles. Quando retornei já pela segunda vez fui preparada para realizar a primeira atividade que foi a exploração do espaço da escola. Um reconhecimento. Um aprender a olhar.

Um olhar de novo para aquilo que eles estão tão acostumados a olhar, e que por inúmeras vezes deixam escapar pequenos detalhes. Era isso que buscava deles. Um olhar mais cuidadoso. Um encontro. E, claro também esperava que eles buscassem um melhor lugar para a construção da nossa ‘intervenção-corpo-jardim’, este foi o nome dado ao projeto, um nome que escapou de uma atividade de sala de aula no mestrado de Artes Visuais aqui na UFPEL que reverberou em outros espaços, provocou outros encontros e movimentou um devir-outro.

Mas, voltando, a busca pelo local, um foi escolhido pelo grupo, um lugar que lhes remetia algum significado e que cada um tinha as suas... Deste modo outros tantos surgiram, não foi um só, ao longo da caminhada pela escola surgiram muitos espaços inusitados, lugares esses que de alguma forma gera desconforto nesses alunos e que de alguma forma precisava ser *revisto* com outros olhos.

Ao passo que as atividades aconteciam pedia que registrassem para deste modo, dar forma, corpo, expressão ao olhar destes alunos, um olhar como forma de expressão. E isso é possível? É possível através do olhar dar corpo a paisagem que se mostra e dela buscar singularidades?

Após andarem pela escola vendo lugares, um em especial que eles escolheram me chamou a atenção. Dos registros que foram feitos do que lhes incomodava visualmente neste espaço, era a própria sala de aula, além dos banheiros, do refeitório, da quadra de esportes, do próprio pátio, etc.

E, foi a partir do relato deles, dos registros, todos feitos a partir de aparelhos celulares, que percebi que estava impotente frente a um problema muito grande.

Como querer que eles se sintam bem num ambiente o qual eles estão tão acostumados a ‘não olhar’. Sim ‘não olhar’, pois aquele ambiente não lhes era agradável, era ‘sujo’, ‘poluído’ de inúmeras formas, agressivo.

Naquele momento senti uma grande sensação de impotência, que me tomou de assalto e ao mesmo tempo me deu forças por alguns meses, pois, percebi que poderia fazer a diferença naquele local, naquele espaço habitado por eles e também por mim, pois agora fazia parte dele, pode-se dizer que houve um espanto, outro encontro.

Dos lugares que as crianças trouxeram através dos registros vários poderiam ser construídos o nosso jardim, mas para minha surpresa os alunos resolveram iniciar pela sua sala de aula, o lugar onde eles passam mais tempo, onde estão imersos e que de algum modo não se sentiam bem, não pelas atividades corriqueiras do dia a dia, mas sim pelo espaço 'poluído' principalmente dos vidros (a escola não utiliza cortinas em suas salas, e como meio de remediar esta situação foram feitos grafites nos vidros, o que parcialmente resolve a questão de luminosidade na sala), dos armários com inúmeras colagens, de alguns cartazes que ocupam o espaço, etc.

Mas, não era surpresa, existiam mais espaços os quais as crianças queriam modificar, mas, o da sala de aula era o principal, pois, este era o local para muitos era uma extensão de suas casas.



Foto 04. Pavilhão anos iniciais pátio da escola, atividade 'intervenção-corpo-jardim'.
2018. Pelotas RS Brasil. Fonte própria



Foto 05. Janelas pintadas da sala de aula, onde as atividades da proposta 'intervenção-corpo-jardim se realizaram. 2018. Pelotas RS Brasil. Fonte própria

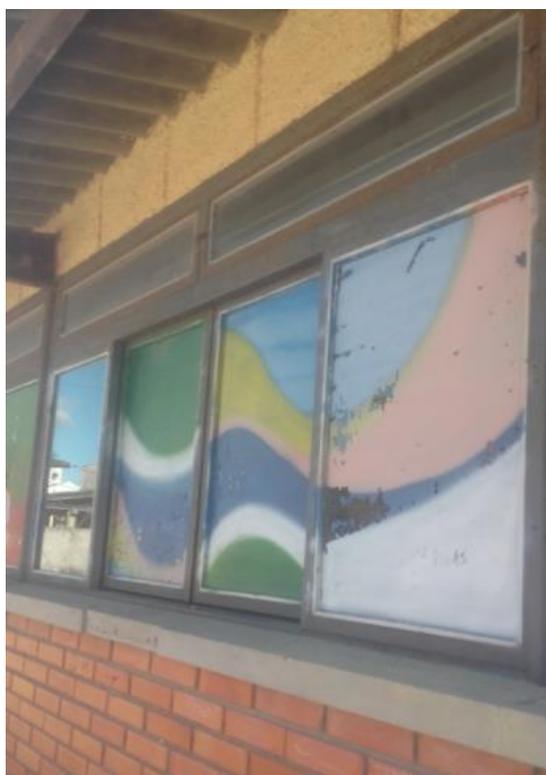


Foto 06. Janelas pintadas da sala de aula, onde as atividades da proposta 'intervenção-corpo-jardim se realizaram. 2018. Pelotas RS Brasil. Fonte própria

Meus pés cortam as linhas
que se fazem ao traçar seus
caminhos.

Sujam-se em meio ao barro e
a lama do ontem
que desabou sobre mim!

Há de existir um amanhã em
que este chão não se
encharque

de um suor febril e lágrimas
sem sabor de verdade, de
palavras nuas e frases ocas
que ecoam solitárias ao
vento.

Meus pés trilham caminhos
já percorridos.

Caminhos já vencidos!

Meus pés no barro
acomodam as dobras, se
acomodam, são dobras.

O amanhã que vence sobre
mim com suas palavras ocas
chega lento...

É um cair de folhas ao chão.

São como árvores no outono
que desnudam-se de suas
folhas e flores e deixam-se
expostas em seus troncos e
galhos,
desde os mais fortes aos
mais frágeis.

Uma entrega. Um
envelhecimento necessário...



Foto 07. Janelas sem pintura da sala de aula, onde as atividades da proposta 'intervenção-corpo-jardim' se realizaram. 2018. Pelotas RS Brasil. Fonte própria

Em diálogo com os alunos busquei saber o que gostariam de mudar naquele espaço, e após descobrir fiz uma reunião com a direção da escola, comunicando sobre tal situação, e logo em seguida com autorização do professor convidei os pais dos alunos para uma conversa e um pedido de ajuda.

Foi ai então que os mesmos se envolveram na atividade, e com a participação dos mesmos foi realizada a limpeza e organização da sala, com a ajuda de todos.

Nesta etapa do projeto, ele tinha outra forma, e parecia ter escapado de sua proposta

Palavras

Ecoam aos ventos
suaves, rasgadas e
suadas Corroídas pelo
tempo
Palavras que rasgam o
silêncio. As mentiras, os
vazios.
Degraus de pedra que
me elevam ao
desconhecido. As
memórias de outrem
que se misturam a
paisagem
Esquecidas pelo tempo
O limo denuncia o
abandono
Frestas que nos levam a
salas, a salas, a salas...
Na parede um retrato
carcomido
Esquecido na sala
quente
No livro o registro da
minha ausência
Portas trancafiadas com
fios de seda
Abrindo passagem para
as lembranças
Um tempo onde as
palavras soavam
verdadeiras
Uma estação, um banco,
um eterno esperar
Uma passagem secreta
Através de uma janela
branca
Pintada na parede
vermelha.

- a autora -

original, mas um pai bem lembrou de trazer uma muda de um folhagem para enfeitar a sala, e deste modo, a ideia do jardim ocupa outro espaço inusitado, a sala de aula.

Foi quando se solicitou mais uma vez que as crianças e aos seus pais, que trouxessem as primeiras mudas, ou sementes, na qual iríamos plantar no espaço desejado por eles.

Tal ato movimentou seus familiares, seus vizinhos ou parentes para a construção de nosso jardim. Na semana seguinte poucos alunos trouxeram as mudas e as sementes. Mas levei algumas e o Ronaldo levou alguns enxertos de árvores frutíferas que foram plantadas nos locais que eles indicaram.

Deste modo, iniciamos a construção do nosso jardim, do plantio das mudas, das sementes e das árvores.

Os alunos plantaram algumas mudas em vasinhos que colocaram na sala de aula, uma no banheiro, e algumas foram colocadas na frente da sala de aula.



Foto 08. Mudanças de flores, atividade 'intervenção-corpo-jardim, 2018. Pelotas RS Brasil. Fonte própria

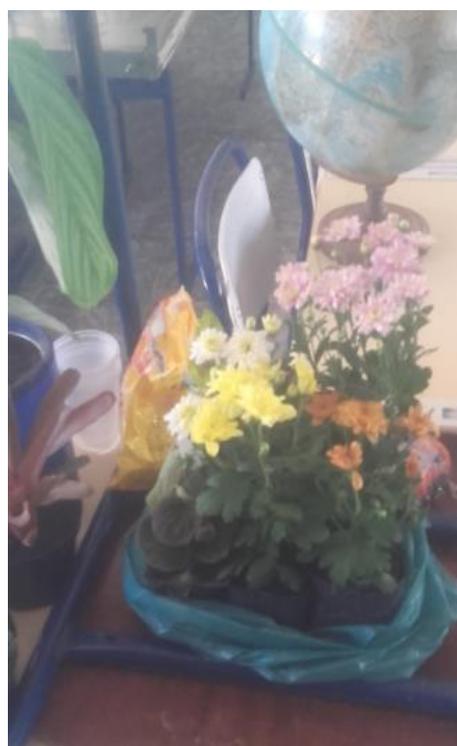


Foto 09. Mudanças de flores, atividade 'intervenção-corpo-jardim, 2018. Pelotas RS Brasil. Fonte própria

Deste modo, iniciamos a construção do nosso jardim, do plantio das mudas, das sementes e das árvores. Os alunos plantaram algumas mudas em vasilhinhos que colocaram na sala de aula, uma no banheiro, e algumas foram colocadas na frente da sala de aula.



Foto 10 e 11. Mudanças de flores na caixa de disjuntores sala de aula, atividade 'intervenção-corpo-jardim, 2018. Pelotas RS Brasil. Fonte própria

Uma proposta semelhante foi realizada por mim no Centro de Artes da UFPEL, como foi mencionado aqui anteriormente, no qual ofereci aos meus colegas onde interagissem com alguns sapatos, mudas de flores e temperos. Aos alunos do quinto ano ofereci a mesma experiência para compor nosso jardim, mas nenhum aluno se utilizou dos sapatos para o plantio, e, me chamou atenção que as meninas queriam levar os sapatos de salto alto para casa. Deste modo, tal experiência não ocorreu como da vez anterior, o que não é surpresa, pois são dois grupos bem distintos.

Os alunos do quinto ano, por exemplo, escolheram um lugar específico para plantar, que foi ao lado dos banheiros, em um corredor que é passarela de todos. Começamos a cavar, a remexer a terra, a dar vida, a abrir passagem para o fluxo natural da vida. As crianças se movimentando, se sentindo parte integrante do processo, construindo com suas mãos, sendo valorizadas em suas escolhas.

Sorrisos, em um ambiente de cooperação, descobertas. A cada terra remexida um novo ser mágico se apresentava, formigas, minhocas, caracóis, abelhas, euforias, gritos e risos... Uma aventura para quem

nunca teve a sensação de ter a mão suja de terra, ou uma conversa mais íntima com esses novos ‘conhecidos’.

A cada regador cheio de água que transbordava e molhava os pés, a cada flor que era regada, a cada semente que caía na terra, a cada olhar que cruzava as linhas da imaginação, dos sonhos, da esperança, do cuidado, percebia que ali não estavam sendo depositados somente sementes, mas sim, suas angustias, aflições, medos, carinho, alegrias, dores, de um cotidiano difícil que muitos infelizmente possuem em seus lares, e ao adubar e cultivar algo, é como se fosse o que gostariam de semear em suas vidas.

A fala das crianças, suas atitudes e gestos falam muito sobre como são e se sentem na escola, em casa, e de como gostariam de serem cuidados, ouvidos, valorizados. Cuidado esse que muitas vezes, por uma série de fatores são negligenciados, sufocados com palavras duras que ferem como lâmina afiada, de um modo cruel e desumano.

E, quando da mesma forma a escola é reflexo do que possuem em casa: Um banheiro sem condições de uso, um bebedor que não funciona, uma sala de aula suja, que são situações as quais não deveriam ocorrer, mas que estão lá e que são oferecidos a elas e que de modo naturalizado, instituído é considerado o ‘normal’, ‘o que se tem’, e que não devemos questionar, perguntar, querer mudar...

Mas, é na busca de um novo olhar, um atento que percebe que o que esta ali posto não deve ser considerado natural e, que é sim preciso questionar, perguntar e buscar saber por que não pode ser diferente, e que de algum modo lhes gere sentido e significados.



Foto 12. Professor e alunos plantando no local escolhido. Atividade 'intervenção-corporo-jardim, 2018. Pelotas RS Brasil. Fonte própria.



Foto 13. Professor e alunos plantando no local escolhido. Atividade 'intervenção-corporo-jardim, 2018. Pelotas RS Brasil. Fonte própria.

A escola deve ser o local de transformações que podem e devem ser feitas, o local de descobertas e estas descobertas serem o incremento, o adubo que fará germinar ideias, potências, encontros...

Como proposta de intervir e problematizar o 'olhar' destes alunos sobre seu ambiente, sobre o que lhes cerca realizei ao longo do tempo que estava lá, e em outros momentos, atividades nas quais eles pudessem se conhecer, que pudessem movimentar seus corpos, e mesmo quando eu não oferecia alguma 'oficina', alguma atividade, o professor, o Ronaldo, movido pela vontade de querer contribuir com este pensamento, afetado pelas mesmas inquietações sempre que possível oferecia atividades das quais deslocavam seus 'olhares'.

Uma proposta que ofereci a eles para que adquirissem confiança no colega e sentissem o espaço de uma forma diferente, teve no vendado os olhos o disparador para perceberem o que lhes cerca.

Funcionava assim: Vendei os olhos de alguns alunos que eram conduzidos por quem não estava vendado, então saíam da sala e iam explorar o pátio da escola, alguns sozinhos com os olhos fechados, outros em grupos e outros ainda preferiram caminhar sozinhos sem estar com olhos vendados.

Os relatos das sensações foram muitos como, por exemplo: - "foi muito estranho"; - "foi muito engraçado, parecia que eu ia bater com a cara na parede"; - "nunca senti nada igual"; - "foi muito bom, vou fazer com o meu irmão quando chegar em casa". Em outra atividade desenvolvida levei algumas folhas de papel pardo, canetinhas, lápis, etc., e compartilhei com os alunos.

Minha pretensão era criarmos no papel pardo o contorno corporal de cada um, e nesse contorno fazer brotar o jardim interno e pessoal de cada criança. E assim foi feito. Em grupos de três ou quatro alunos, foram feitos ao menos cinco grupos que se dividiram pela sala, e em cada grupo enquanto um deitava sobre a folha de papel pardo no chão da sala, os outros faziam seu contorno.

Muitos não se reconheciam com o contorno reproduzido no papel, e tentavam de todas as formas buscar uma identidade. As meninas muito preocupadas com a tamanho da imagem que viam refletidas apagavam ou tentavam diminuir seus contornos, muitas vezes, repetindo: - “que gorda”.

Os meninos de outro modo tinham uma dificuldade em abrir as pernas para serem contornados. Um dos meninos que esta com excesso de peso só aceitou a ser contornado por mim, talvez pelo medo do julgamento dos colegas, talvez pelos padrões de beleza estabelecidos pela sociedade.

Posso dizer que tive encontros ao propor esta atividade, pois, alguns acontecimentos me fizeram pensar sobre a forma na qual estamos acostumados a reproduzir o que nos é imposto pela sociedade. E que muitas vezes não pensamos de modo algum sobre isso, simplesmente seguimos a corrente, somente quando somos arrebatados pensamos em escapar do fluxo.

Posso dizer que tive encontros ao propor esta atividade, pois, alguns acontecimentos me fizeram pensar sobre a forma na qual estamos acostumados a reproduzir o que nos é imposto pela sociedade. E que muitas vezes não pensamos de modo algum sobre isso, simplesmente seguimos a corrente, somente quando somos arrebatados pensamos em escapar do fluxo.

Mas o espanto foi perceber que em sua angústia de querer expressar-se, ela agia com determinada agressividade, reproduzindo atitudes de desagrado com os colegas, mas ao fim foi construir o seu jardim no jardim dos demais colegas.

Era como uma flor própria que se desenhava e [de]marcava seu território, buscando de alguma forma escapar do julgamento dos demais, ou dos seus próprios. Muitos jardins se fizeram, e neles cada um colocou o que tinham de mais íntimo.



Foto 14. Pesquisadora e alunos desenhando-se, atividade 'intervenção-corpo-jardim, 2018. Pelotas RS Brasil. Fonte própria

Flores, árvores, botas, batom, palavrões, símbolos, pulseiras, mandalas, sol, pássaros, nuvens, óculos, nuvens... Muitos me perguntavam se poderiam fazer o que quisessem, e eu respondia sempre que sim, pois, o jardim é de vocês!

Outra proposta que construímos foi um autorretrato, com materiais encontrados na natureza. Para isso levei folhas de papel, molduras de cartona e espelhos, para que eles pudessem se olhar e [re]produzir a sua imagem no papel, mas para isso era preciso sair pelo pátio da escola na busca de materiais, que lhes afetassem e pudessem construir seus autorretratos.

Pegaram pedras, folhas, galhos de árvores, capim, terra, sementes. Alguns não conseguiram, buscar nada pelo pátio da escola. E no relato de um dos meninos, ele me colocou que não conseguiu encontrar nada, que só achou lixo. Um das duas meninas precisaram de lápis para contornar, e uma preferiu pintar seu auto-retrato com tinta e pincel.

Os trabalhos representavam seus auto-retratos, suas identidades que foram surgindo em traços construídos com laços, folhas como cabelos, flores e pedras como olhos e bocas. Algo chamou minha atenção: Nenhuma criança, nem por um minuto precisou olhar para o espelho para se projetar no papel. Foram construindo seus retratos de uma forma espontânea e criativa. Quase no final da atividade um aluno me perguntou para que servia o espelho?

Quando ele fez essa pergunta, em uma fração de segundos, me senti envergonhada e muito agradecida, pois aquela criança que me fez refletir sobre minha docência, do que é ser um professor? Ora, ele estava absolutamente certo, se eu estava propondo a desconstrução de padrões e estereótipos, e tentando aguçar seu lado criativo, é coerente que eles quisessem fugir do espelho e experimentar algo novo, algo que eles fossem buscar além dos espelhos.

O espaço da escola tem este engendramento, pois, funciona como um campo de afetações, atravessamentos, encontros...



Foto 15. Alunos coletando materiais para atividade autorretrato. Atividade 'intervenção-corpo-jardim', 2018. Pelotas RS Brasil. Fonte própria



Foto 16. Alunos coletando materiais para atividade autorretrato. Atividade 'intervenção-corpo-jardim, 2018. Pelotas RS Brasil. Fonte própria



Foto 17. Materiais coletados pelos alunos para construção dos autorretratos construindo imagens com materiais coletados, atividade 'intervenção-corpo-jardim, 2018. Pelotas RS Brasil. Fonte própria

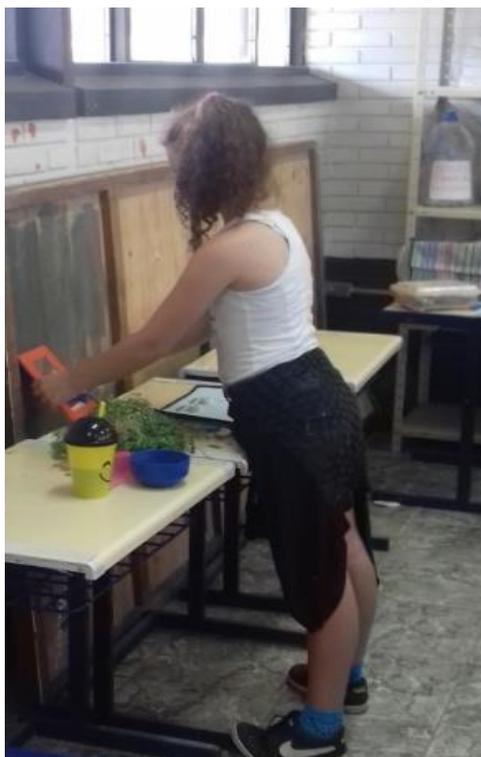


Foto 18. Aluna construindo imagem com materiais coletados, atividade 'intervenção-corpo-jardim, 2018. Pelotas RS Brasil. Fonte própria



Foto 19. Materiais coletados pelos alunos para construção dos autorretratos construindo imagens com materiais coletados, atividade 'intervenção-corpo-jardim, 2018. Pelotas RS Brasil. Fonte própria

Também percebi que muitos não se sentiam autorizados a criar e a pensar em sua intimidade, e irem buscar suas referências em suas memórias o que lhes afetava. Desta forma, creio que esse seja o papel da Arte, nos tirar da zona de conforto, e fazer entre tantos modos nos expressar através de um desenho, uma escultura, uma gravura, ou o que não conseguimos anunciar, talvez que não suporte-se em palavras.

Portanto, ir buscar nos seus registros, suas lembranças o que lhe faz escapar do que está posto, buscar linhas para fugir. Fugir de um tempo que não nos permite refletir sobre nossas práticas, incertezas, receios, vontades, nossas solidões.

O que estas atividades na escola me proporcionaram foi perceber que estamos perdendo a capacidade de ouvir o outro, de respeitar o tempo de processar algo novo ou antigo. De se respeitar, respeitar seu corpo no sentido mais amplo que há desta palavra.

Percebi nestas atividades que estou nesse processo, que busco escapar desses [pré]conceitos, deste tempo que trata cada segundo da existência como se fosse um cravo produzindo uma chaga, e do que cabe ou não neste intervalo.

Busquei em todos os encontros que tive com os alunos, uma pista, um disparador que me move-se a ir à frente, que talvez me desviasse da trilha. Do caminho de pesquisa, para quem sabe me levar a outros rumos, pois, existiram alguns encontros, tropeços, confissões, e desilusões, descobertas e dúvidas, mas acima de tudo aprendizado, tudo a partir das experiências experimentadas oriundas desta proposta de pesquisa.



Foto 20. Alunos construindo imagens com materiais coletados, atividade 'intervenção-corpo-jardim, 2018. Pelotas RS Brasil. Fonte própria



Foto 21. Imagens construída com materiais coletados, atividade 'intervenção-corpo-jardim, 2018. Pelotas RS Brasil. Fonte própria



Foto 22. Imagem construída com materiais coletados, atividade "intervenção-corpo-jardim, 2018. Pelotas RS Brasil. Fonte própria



Foto 23. Imagem construída com materiais coletados, atividade "intervenção-corpo-jardim, 2018. Pelotas RS Brasil. Fonte própria



Foto 24. Imagens construídas com materiais coletados, atividade 'intervenção-corpo-jardim, 2018. Pelotas RS Brasil. Fonte própria

Como um terreno fértil que traz consigo um manuscrito que abisma a alma

Assim se faz as notas de uma harpa que ecoam suaves entre os dedos

Lembro de ver flores, de ver sol, de ver pássaros, de ver o mar...

Andarilho sobre um chão de sal que anunciam a terra árida
Retiro ervas para arejar o terreno e sentir o vento em minhas faces

Em minhas mãos carrego brotos para que possam ver as flores
Traço linhas que anunciam sua chegada

Os espinhos ferem os pés descalços
Movo leiras e construo labirintos de passagem para criar um corpo
que possa sentir o mar e conviver com a lama

O sagrado e o profano anunciam o que está por vir...

O outono se aproxima e nos convida a sussurrar palavras vazias que
o tempo apagou

O corpo cristaliza a estação que dança de pés nus sobre nós
Removo algumas ervas, deixo outras...

Talvez para alimentar quem possa transitar por meio a esse jardim.

- a autora-

Ainda semeando...

Há tantas violetas velhas sem um colibri

- Zé Ramalho -

Nesta segunda caminhada a qual nos encontramos novamente, relembro de algumas perguntas haviam ficado sem respostas, outras simplesmente as deixei de lado, pois muitas outras coisas surgiram na caminhada como lhe mostrei. Não quis me afastar muito do percurso que tomamos, pois, de minhas observações que fiz com este grupo de alunos deste quinto ano, pude perceber que sim, o corpo verdadeiramente se expressa de modos e maneiras distintas em sala de aula, e que se for estimulado este corpo, produz-sente com mais intensidade e dá melhores significados ao que esta aprendendo.

Quando saímos em caminhada pela primeira vez, lhe perguntei de se já conseguias sentir os aromas do ambiente aonde quis te levar? Em cada um de nós esses aromas provocaram sensações distintas. E este lugar que busquei te levar era a escola. Um jardim rico e fértil. Inúmeros aromas. Inúmeras sensações. É um jardim do qual ainda existem dúvidas sobre o que busco tratar? E sinceramente espero que estas dúvidas persistam ainda por muito tempo, pois só assim terei vontade de ir sentir os aromas desta terra. Uma terra devastada por ingerências, por descuidos, por más vontades, mas sim, talvez essa seja minha intenção, de ir questionar isso, de querer saber porque, demonstrar que sim é possível fazer diferente, assim como te fiz mover, sair do teu lugar comum, e ir comigo mesmo que por vezes tivesses andado por caminhos já trilhados por outros, usasses e escutasses as vozes de outros. Mesmo que por vezes eu mesma tenha me perdido em meio aos caminhos que fui construindo, destruindo e abandonando, ou que simplesmente os deixei lá para retornar quem sabe outrora...

Falta-me fechar algumas portas do pensamento. Ainda é preciso caminhar mais, plantar mais palavras neste jardim-texto, trazer quem sabe outros amigos, não andar com alguns, sentar com eles e discutir outros meios, outras maneiras de pensar sobre este corpo em sala de aula, que me inquieta tanto, quais os processos de subjetivação que movem este corpo em seu processo de ensino aprendizagem, o que permeia tais processos? Ou quem

sabe só alinhar um pensamento mais apropriado sobre o que me inquieta... Estas são questões que por mais que tente responder, talvez não seja necessário, pois sabemos que são as perguntas que movem uma pesquisa e não as respostas, talvez as respostas encerrem algo que não deve ser encerrado. Neste texto existem muitas reticências, como alguém muito próximo a mim já disse, elas são o que há para ser dito e que neste momento não ganharam ainda verbo, ou seja ação. Elas me servem para dizer que há ainda algo a concluir, ainda falta fechar algumas portas, pois sinto que esta caminhada não termina aqui, pois algumas suposições/afirmações ainda não foram completamente contestadas.

Enfim, campeie-busquei-procurei nessa escrita a possibilidade de apresentar ideias sobre o corpo, sobre formação a partir do ponto de vista de uma pesquisa cartográfica de onde surge um pretérito no qual me vejo imersa em um currículo que me inquietou, enquanto licencianda em Artes Visuais, pois percebi desde minhas observações de estágio, Licencianda em Pedagogia que não contempla este corpo além do que é proposto em disciplinas que por natureza de seus afazeres estudam este 'objeto'. Esta 'matéria'. As Ciências; a Educação Física; a Biologia trazem um corpo físico que deve ser conhecido, estudado, desde as partes internas até seus músculos e como bem estimulá-los, mas que, por fim, fica aí. E nas outras disciplinas este corpo é visto de que modo? É trabalhado de que modo? Este é um currículo da obediência, o que não discordo e não aprovo, esta é outra discussão, mas este é um currículo em que os fazeres do(c)entes vedam os fluxos que querem escapar. Um currículo que não permite escutar, ouvir e durar em suas práticas. E muitas vezes nem estas práticas existem. É um copia e cola.

O que fiz nesta proposta de escrita cartográfica foi apresentar inquietações, provocações, antes de tudo, para gerar discussões sobre esses temas, para em outro contexto quiçá buscar alternativas que, ao menos, amenizem as dores dos que se encontram nesse ambiente e que não sabem lidar com os canos que estouram. Talvez estes sejam os que mais sofram. Algo tão comum é do(c)entes estarem sendo medicados simplesmente por serem do(c)entes...

Pensar sobre o corpo é pensar seu entorno, para além de uma necessidade é uma obrigação e um desafio quiçá permanente.

O que pretendia ao tratar do corpo nesta pesquisa era pensá-lo em sala de aula, como é esse corpo? Como é problematizado? Será que é problematizado? O que percebi nesta investigação é que sim, existem docentes¹⁰, em especial este que abriu as portas de sua sala de aula, procuram dar vez e voz e estes corpos, que de algum modo, às vezes sem ter consciência, procuram explorar dinâmicas em sala de aula que movimentam estes corpos. Tratam-criam possibilidades de pensar sobre as práticas cotidianas de ensinar e aprender que reverberam sobre os corpos.

Por fim esta pesquisa dedicou-se a criar atividades-propostas-intervenções com um grupo de alunos distintos de um quinto ano de uma escola de periferia no bairro Fragata, nesta cidade, com o intuito de observar os corpos presentes nesta sala de aula, e a maneira como, por exemplo, este professor exercia sua docência. Enquanto estava na escola percebi que poucas eram as atividades sendo propostas por outros docentes que moviam corpos... Mas, isso é outro assunto, outra pesquisa...

Sou grata por sua companhia e espero logo-logo nos reencontrarmos.

¹⁰ Ao longo dos estudos do referencial teórico sugerido para esta pesquisa e, entre outros textos pesquisados, descobri práticas de atividades realizadas por professores de outras instituições pelo país que a partir de seus relatos pude perceber que se inquietam com o corpo em sala de aula.

Referências:

AHLERT, Alvorí. Corporeidade e educação: o corpo e os novos paradigmas da complexidade. Revista Ibero-americana de Educação. ISSN: 1681- 5653 - n.º. 56/1–15/07/2011. In: Disponível em <http://www.rieoei.org/deloslectores/3880Ahlert.pdf> > acesso em 16/06/2016.

ANJOS. Augusto dos. Monólogo de uma sombra. *In* Eu e outros poemas. 1910.

BACHELARD, Gaston. A poética do Espaço. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BOEHM, Gottfried. Aquilo que se mostra. Sobre a diferença icônica. In ALOA, Emmanuel. Pensar a imagem. Emmanuel Alloa (org.). – 1 ed.; 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. (coleção Filo/Estética)

CAMPELLO, R. L. G. Cartas para ler e escrever. Cartografando uma prática de ensino. 2016. 78f. Dissertação (mestrado) - Instituto federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, Programa de Pós Graduação em Educação, Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia, Pelotas, 2016.

COSTA, *Luciano Bedin da*. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. Revista Digital do LAV - Santa Maria - vol. 7, n.2, p. 66-77 - mai./ago.2014. Disponível em: < https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15111/pdf_1 > acessado em 12/02/18.

COUTO, Edvaldo Souza. As façanhas dos extremos. O triunfo do corpo nas atividades físicas e esportivas radicais. In O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas/ Edvaldo Souza Couto, Silvana Vilodre Goellner, (Orgs.). – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. Vários Autores.

COMENIUS, Iohannis Amos (1592-1670). Didáctica Magna (1621-1657) eBooksBrasil.com Fonte Digital Digitalização de Didáctica Magna Introdução, Tradução e Notas de JOAQUIM FERREIRA GOMES Copyright: © 2001 FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN [Nota de Copyright]. Disponível em: http://www2.unifap.br/edfisica/files/2014/12/A_didactica_magna_COMENIUS.pdf > acessado em: 05/05/18.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia, v.1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE Gilles. PARNET, Claire. Diálogos. Paris, Flammarion, 1996. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Escuta, 1998, 184p.

DELEUZE, G. Proust e os signos. 2^a ed. [Trad. Antônio Carlos Piquet e Roberto Machado]. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, 173p.

_____. G.; GUATTARI, Félix. Kafka: por uma literatura menor / Gilles Deleuze, Félix Guattari; tradução Cintia Vieira da Silva; revisão da tradução Luiz B. Orlandi. – 1. Ed.; 1 reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

ESPANCA, Florbela. Diário do Último ano/Florbela Espanca – Porto Alegre: Pradense, 2009.

FARINA, Cynthia. Arte e formação: uma cartografia da experiência estética atual. In:

Anais da 31ª Reunião da ANPED. Caxambu, 2008. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:y98tS1A3yGsJ:31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GE014014Int.pdf+&cd=2&hl=ptBR&ct=clnk&gl=br> > acessado em 17/06/15.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. O que é um autor? Trad. António Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. Lisboa: Editora Vega. 1992. p. 129-160. Disponível em: <
[file:///D:/Users/Ronaldo/Downloads/Foucault%20Michel%20A%20escrita%20de%20si%20\(1\).pdf](file:///D:/Users/Ronaldo/Downloads/Foucault%20Michel%20A%20escrita%20de%20si%20(1).pdf)> acessado em 26/03/16.

FOUCAULT, Michel. Historia da sexualidade I. A vontade do saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. - 6ª ed. - Rio de Janeiro/ São Paulo, Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalhete, 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014

GALLO, Sílvio. Em torno de uma educação menor. Educação e Realidade. 27(2): 169-178 jul./dez. 2002. Disponível em: <
<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25926/15194>> acessado em 21/02/19.

HARDT, Michel. NEGRI, Antonio. Multidão: guerra e democracia na era do império. Tradução: Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2005.

JÓDAR, Francisco. GÓMEZ, Lucía. DEVIR-CRIANÇA: experimentar e explorar outra educação Devir-criança: experimentar e explorar outra educação. Educação e Realidade. 27(2):31-45 Jul./dez. 2002. Tradução de Tomaz Tadeu, do original em espanhol (com agradecimentos a Prof.ª “Sandra Mara Corazza”, pela ajuda na revisão). Disponível em: <
<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25914/15183>>
 Acessado em 05/05/18.

KASTRUP, V. PASSOS, E. TEDESCO, Silvia. Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum / org. por Eduardo Passos, Virginia Kastrup e Silvia Tedesco. – Porto Alegre: Sulina, 2014.

KASTRUP, V. PASSOS, E. ESCÓSSIA, Liliana da. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade / org. por Eduardo Passos, Virginia Kastrup e Liliana da Escóssia. – Porto Alegre: Sulina, 2015.

LE BRETON, David. Antropologia do corpo e modernidade/ David le Breton; tradução de Fábio dos Santos Creder Lopes. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LOURO, G. L. *Desafios*. in O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas/ Edvaldo Souza Couto, Silvana Vilodre Goellner, (Orgs.). – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MITCHELL, W. J. T. O que as imagens querem? In ALOA, Emmanuel. Pensar a imagem. Emmanuel Alloa (org.). – 1 ed.; 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. (coleção Filo/Estética)

MOSSI, Cristian Poletti. OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Torções e violências na produção de pesquisas em educação: anotações para uma teoria do corpo em ato. In Estudos do corpo: encontros com arte e educação. Wagner Ferraz e Camila Mozzini (Org). Porto Alegre: INDEPIN, 2013.

SANTOS, Livia dos. Aqui tudo é diferente. Curadoria de Bitu Cassundé. Porto Alegre, 2016. Santander Cultural. In Estudos do corpo: encontros com arte e educação. Wagner Ferraz e Camila Mozzini (Org). Porto Alegre: INDEPIN, 2013.

SIBILIA, Paula. Imagens de corpos velhos. A moral da pele lisa nos meios gráficos e audiovisuais. In O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas/ Edvaldo Souza Couto, Silvana Vilodre Goellner, (Orgs.). – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. Vários Autores.

SILVA, Renata de Lima. LIMA, Marlini Dorneles de. A dança como possibilidade de vivência de um “estado de liberdade”.

PEREIRA, Ana Luísa. Do “cuidado de si” nas ginásticas de academia. In: GOMES, Rui Machado et al. (Orgs.). O corpo e a política da vida. Lisboa: Editora Rui Machado Gomes, 2010.

REGIS, Vitor Martins. FONSECA, Tania Mara Galli. Cartografia: estratégias de produção do conhecimento. In: Fractal, Rev. Psicol., v. 24 – n. 2, p. 271-286, Maio/Ago. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/fractal/v24n2/a05v24n2.pdf>> acessado em 01/04/18.

ROLNIK, Suely. Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo, Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.

_____, Suely. Uma insólita viagem à subjetividade fronteiras com a ética e a cultura. Disponível em: <<http://www.caosmose.net/suelyrolnik/pdf/sujeticabourdieu.pdf>> acessado em: 06/06/19.

SANTAELLA, Lucia. Pós-humano Por quê? Revista USP, São Paulo, n.74, p. 126-137, junho/agosto 2007. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/74/09-luciasantaella.pdf>> acessado em 02/09/17.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. Corpo, comunicação e cultura: a dança contemporânea em cena/ Denise da Costa Oliveira Siqueira. – Campinas, SP: Autores Associados, 2006. – (coleção educação física e esportes).

SILVA, Vera Lúcia Paredes P. Ao correr da Pena: Aspectos da Organização Tópica em Cartas Pessoais. In: HEYE, Jürgen (org.). Flores Verbais: uma Homenagem Linguística e Literária para Eneida do Rego Monteiro Bonfim no seu 70 aniversário. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. p. 231-246.

STELARC¹¹. Arte na Fronteira da Tecnologia - O humano “ampliado” no século XXI - Entrevista para o site Janela na Web. jan. 2001. Disponível em:<<http://janelanaweb.com/digitais/stelarc.html>> Acesso em 21/04/17.

¹¹ Nome artístico de Estelios Arcadiou.